

Arte & Fato

EDIÇÃO 2025

**TRENS E BALÕES:
RESQUÍCIOS DE UM
PASSADO**

PÁGINA 7

**CASARÕES: A HISTÓRIA
NO VALE DO PARAÍBA**

PÁGINA 28

**HIP-HOP: A CULTURA DA
RUA**

PÁGINA 20

Foto: Franklyn Santiago


Canção Nova
FACULDADE

Veículo de comunicação laboratorial impresso,
vinculado a disciplina Projeto em Revista



Produzido pelos alunos do 4º período de
Jornalismo da Faculdade Canção Nova

Editorial **Arte&Fato**

O que seria da vida sem desafios? Às vezes, quando estamos vivenciando o processo esquecemos de contemplar a vista, focando apenas nas dificuldades do caminho. O time que deu vida à Revista Arte & Fato vivenciou duas atividades de modo inédito: a produção de uma revista e a escalada de uma montanha, mas o que marcou foram as semelhanças entre as duas atividades.

No primeiro momento nos deparamos com a surpresa e a imensidão do desafio; não conhecemos o que virá, porém nos colocamos à disposição para viver com profundidade cada parte dessa aventura. A animação é combustível, se faz presente principalmente no início, mas ela não pode mover a ação. O que guia qualquer tarefa é o propósito, mantendo em mente que o foco é chegar ao topo.

Quedas fazem parte do processo, em algum momento é natural um escorregão, porém ele não pode guiar essas experiências, assim como o cansaço ou desentendimentos. O importante é não esquecer o que te motiva, sustentando a perseverança, sem jamais tirar os olhos do alvo.

O objetivo do grupo é o mesmo: chegar ao fim e se deparar com uma bela vista, seja da imensidão do céu ou da revista finalizada. A qual, é o resultado de uma escalada que vai muito além das janelas da sala de aula. No decorrer dessas páginas você encontrará mais do que matérias, irá se deparar com histórias, sentimentos, desafios e superações.

Te desejamos uma boa subida, foque no topo e aprecie a vista.

Equipe

Coordenador do Curso de Jornalismo

Me. Raphael Leal de Oliveira Sanches

Professor Orientador

Esp. Denise Lobato Villela Claro

Editores-chefe

Franklyn Santiago e João Saggioro

Diagramação

Aysha Azevedo, Julia Silveira, Letícia Mota e Marcos Vitor Souza

Repórteres

Ana Beatriz Oliveira, Ana Júlia Pires, Aysha Azevedo, Emily Oliveira, Fernanda Lima, Franklyn Santiago, João Saggioro, Julia Silveira, Karla André, Ketuny Mendes, Laura Lo Monaco, Letícia Mota, Luan Nogueira e Marcos Vitor Souza

Fotografia

Ana Beatriz, Fernanda Lima, Karla André, Ketuny Mendes, Luan Nogueira

Contato

Faculdade Canção Nova - (12) 3156-0000



Sumário

Editorial Arte&Fato

Página 2

Sítio do Picapau Amarelo

Página 4

“Muito além da janela do meu quarto”

Página 7

A Chama da Tradição - Balões e trens em um espetáculo visual

Página 10

Artefatos Culturais - O patrimônio esquecido em Canas

Página 14

Made In... Raízes

Página 16

Amácio Mazzaropi - O caipira que deu voz ao brasileiro

Página 18

Do Tabuleiro ao Digital - Jogos com expressão cultural

Página 20

Da rua para o palco

Página 22

Frei Galvão - Influência que perpetua até os dias de hoje

Página 24

Caminho 33 - Superando limites, aprendendo a vencer

Página 26

A Fé que percorre as cidades do Vale do Paraíba

Página 28

Uma Jornada pelo Vale do Tempo

Página 30

Indicações

Página 32

Vale do Paraíba revive a Itália em Quirimim e Canas

Página 33

Festa de Reis - A celebração que atravessa gerações

Página 35

Histórias que cruzam o Vale e o mundo

Página 37

CHARGE Por André Luís



POEMA

Além do meu quarto

Além do meu quarto, o mundo inteiro chama,

Caminhos se abrem como faísca que inflama.

Levo na mala sonhos e algum coragem,

Descubro culturas em cada nova viagem.

Por trás das janelas, horizontes se estendem,

Histórias de povos que ao meu passo se prendem.

Entre mapas e mares, meu peito desperta,

A vida acontece bem além da porta aberta.

Por Aysha Azevedo

Sítio do Picapau Amarelo

Por Fernanda Lima

Clássico da literatura infantil continua vivo e inspirando gerações

“Marmelada de banana, bananada de goiaba, goiabada de marmelo...” Certamente você já ouviu o trecho dessa música em algum momento da sua vida. Dá até pra sentir o cheirinho do bolo de chuva da Tia Anastácia e ouvir o barulho da cadeira de balanço da Dona Benta enquanto folheia seu livro de histórias. E aquela boneca de pano que de boba não tinha nada? Tagarela, impertinente e questionadora, Emília, a “boneca gente”, vive cheia de ideias, quer saber todos os “porquês” da vida e solucionar os problemas com o seu jeito divertido de ser.

Não importa a idade. Quem nunca tentou imaginar como seria o “Sítio do Picapau Amarelo”? A fonte dessa inspiração tem nome e endereço. O lugar onde a imaginação e a realidade se cruzam está situado em Taubaté (SP). O Museu Monteiro Lobato fica dentro de uma extensa área verde de 18 mil metros quadrados. O casarão do século XIX que pertenceu ao Visconde de Tremembé, possui uma estrutura típica das antigas fazendas das “Cidades do Café”. Com grandes portas e janelas e um estilo rústico, o ambiente é um convite a mergulhar na história. Logo, o Museu possui a missão de preservar e propagar as obras do escritor.

O local teve sua abertura para visitaçã em 1980. De acordo com o atual diretor do Museu, Wallace Ferreira, o espaço se tornou um dos pontos centrais para se entender sobre a própria evolução da cidade de Taubaté e também propagar a vida e obra do grande escritor. “Fazer parte dessa equipe é uma grande conquista. Como cidadão taubateano, tive a oportunidade de

aprender mais sobre a história da minha cidade. Me tornei mais consciente sobre cultura e pertencimento além de me desafiar constantemente como profissional”, afirma.



Entrada do Sítio em Taubaté. Foto: Ketuny Mendes

O MENINO DO SÍTIO

Promotor de justiça. Artista plástico. Fotógrafo. Um exímio escritor. Mas, é bem provável que você o conheça como o inventor do Sítio do Picapau Amarelo. Para Monteiro Lobato, um país se faz com homens e livros. Conforme sua ótica, a arte e a vida sempre foram muito próximas.

SÍTIO DO PICAPAU AMARELO
TV GLOBO, 1977

O insigne crítico e historiador da literatura brasileira, Alfredo Bosi, registrou em seu livro “História concisa da Literatura Brasileira”, a genialidade e o legado do escritor taubateano. “Lobato era escritor de outro nível. Sabia narrar com brilho um caso, uma anedota e sobretudo um desfecho de um acaso”, escreveu. O menino Lobato cresceu naquele sítio entre brinquedos e brincadeiras. Com o pé na areia e muitas vezes nos galhos das árvores. Este era o cenário ideal para a criatividade daquele que se tornaria o pai da literatura infantil.

A pesquisadora das obras literárias de Monteiro Lobato, Tina Lopes, ressalta o talento especial do escritor. “Para mim ele é o precursor da literatura infantil. Ainda na minha infância tive contato com as histórias do Sítio do Picapau Amarelo. Já imaginava como seria a Emília e Tia Anastácia que com sua sabedoria popular me ensinou muito”, frisa. Para Tina, a representatividade de Monteiro Lobato merece ser conhecida nas suas entrelinhas. “Acredito que algo que poucas pessoas sabem sobre Lobato é que ele sempre foi um homem a frente do seu tempo. Ele perpetuou o imaginário de muita gente”, sublinha.

PEDRINHO, EMÍLIA E NARIZINHO



MAIS QUE UM ESCRITOR, UM BISAVÔ

Formada em História pela USP, Cleo Monteiro Lobato, é a bisneta do genial escritor e mora nos Estados Unidos há 28 anos. Seu interesse pela literatura vem de berço, desde cedo imergiu no mundo da leitura. “Sempre gostei de ler. Aprendi com 3 anos. Até os 5 minha mãe já tinha me lido todos os livros de Lobato”, conta. Cleo decidiu que precisava manter e preservar o legado do seu bisavô. Conheceu ainda mais a fundo a obra do escritor, admirada desde sua infância. “Em 2021 fiz a tradução dos primeiros dois capítulos do livro Reinações de Narizinho. Infelizmente o público americano pouco se interessa por autores estrangeiros, muito menos se for antigo”, expressa. O livro Reinações de Narizinho é a primeira obra que Cleo adaptou, lançando em português e também em inglês. Ela decidiu readaptar a obra capítulo por capítulo, com isso já foram lançados os livros ‘Narizinho Arrebitado’ (2020), ‘O Sítio do Picapau Amarelo’ (2021) e o mais recente ‘O casamento de Narizinho’ (2022).



Ilustração de Monteiro Lobato. Foto: Fernanda Lima

DOS LIVROS PARA AS TELAS!

Após décadas povoando a imaginação das crianças com os livros, escritos entre 1920 e 1947, o crescente sucesso da turma do sítio levou a história para a televisão. A obra ganhou espaço na TV Globo em 1977. O programa se tornou uma celebração da imaginação da cultura brasileira e da infância em um período em que poucas pessoas tinham televisão em casa. Este era o contexto em que Marcello Patelli, o segundo “Pedrinho” da série, vivia naquela época, quando tinha apenas 12 anos. Fã nato do programa, nem imaginava que um dia também marcaria o imaginário de milhares de pessoas ao interpretar o personagem Pedrinho. Marcello fez parte do elenco entre 1981 e 1984. “Posso dizer que Pedrinho era eu mesmo. Só que ele tinha mais coragem. sou muito grato por ter feito parte daquele elenco e ter conhecido pessoas tão incríveis. Essa experiência me trouxe um grande apreço pela cultura e um pensamento mais aberto para o mundo. Isso é algo que eu não teria sem ter feito parte da turma do sítio”, ressalta. O ator frisa a representatividade que Monteiro Lobato tem em sua vida. “Para mim ele foi um gênio!. Um homem muito à frente do seu tempo e isso causou muito espanto na época em que escreveu o “Sítio do Picapau Amarelo”. Ninguém tinha pensado em escrever histórias para crianças. Continuo até hoje com uma grande admiração por ele”, pontua.

PINTAR COM PALAVRAS

O artista plástico, Fábio Scarenzi, lembra como foi o seu primeiro contato com as histórias do Sítio do Picapau Amarelo e de que forma isso influenciou em sua carreira como ilustrador. “Minha mãe tinha um livro muito antigo e acabei começando a ler, mas era apenas um garoto e me chamava mais atenção as ilustrações que tinham nele”, recorda.



Fábio Scarenzi e uma de suas ilustrações. Foto: Ketuny Mendes

Fábio conta que seu maior interesse pela obra do escritor taubateano só cresceu mesmo quando começou a assistir a série na TV. “A gente saía da escola pra ver aquele universo mágico”, expressa. O artista comenta sobre como começou a dar vida aos personagens do Sítio do Picapau em suas ilustrações. Durante a entrevista, Fábio se dedica a pintar a imagem de Narizinho no Reino das Águas Claras. “Em 1994, Conceição Molinaro me chamou para fazer algumas ilustrações durante a semana Monteiro Lobato. Desde então, me tornei um voluntário do Museu, fazendo diversas pesquisas para desenvolver meus desenhos”, diz.



“Emília”. Foto: Ketuny Mendes

NOS PALCOS DO TEATRO

Os personagens icônicos do Sítio também sobem aos palcos. A atriz, Débora Santos, deu vida à personagem “Emília” durante quatro anos no Museu Monteiro Lobato. A atriz revela como foi essa experiência. “Quando eu fiz o teste pra entrar no elenco, eu fiz para a Narizinho, mas quando entrei no Museu, uma das atrizes se acidentou e então fui remanejada para fazer Emília. Foi uma surpresa muito grande pra mim, jamais imaginei que tivesse competência o suficiente para fazer uma personagem tão autêntica e importante. Isso com certeza exigiu de mim um estudo muito grande, porque é a personagem mais falante e visada de todos. Eu tinha que ter repertório para interagir com o público”, pontua. Débora comenta sobre como ela enxerga Monteiro Lobato.



Vista do Casarão em Taubaté. Foto: Ketuny Mendes



Débora Santos, interpretando “Emília”. Foto: Ketuny Mendes

“Ele veio de um lar que o queria advogado, não artista. E ainda assim, foi além, provou seu talento e se tornou o primeiro escritor de literatura infantil do Brasil. Se não fosse a coragem dele, hoje a nossa cultura literária teria um desfalque enorme”, destaca.

O enorme sucesso do Sítio do Picapau Amarelo continua atraindo e inspirando gerações até hoje. Aos 22 anos, Bruna Terreli mora em Taubaté e conta que costumava visitar o Museu quando era criança. “Minha avó trazia a gente aqui. Meu irmão se chama Pedro e para mim ele era o ‘Pedrinho’. Cresci ouvindo as histórias e assistindo a série da TV, lendo os livros, assistindo a peças e isso me fez desejar interpretar a personagem ‘Emília’”, comenta.

Grandes nomes da literatura afirmam que um livro se torna clássico quando nunca terminou de dizer o que tinha para dizer. Frente a este contexto, é possível perceber que a obra Sítio do Picapau Amarelo é um verdadeiro clássico. Seus personagens continuam vivos e certamente cada um deles ainda tem muito a falar.

“Muito além da janela do meu quarto”

Por Laura Lo Monaco

Uma expedição rumo ao pico da Pedra Furada desafiou os estudantes de Jornalismo e proporcionou uma vivência inesquecível

Você já imaginou viajar até o primeiro parque nacional do Brasil e subir uma montanha com mais de dois mil metros de altitude? Parece coisa de filme, mas esta aventura foi vivida pelos alunos de Jornalismo da Faculdade Canção Nova, em parceria com o programa Preservação Ambiental, da TV Canção Nova.

Da sala de aula para o campo, ou melhor, para a montanha, os alunos puderam aprender sobre a disciplina de Jornalismo Ambiental na prática. Acompanhados pelo missionário da Comunidade Canção Nova Marcelo Chaves e pelos guias Lucielen Andrade e Reinaldo da Luz, os futuros jornalistas fizeram uma expedição em direção ao pico da Pedra Furada, no coração do Parque Nacional do Itatiaia, localizado entre os estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro. Percorrer uma trilha de 2,7 quilômetros com um ganho de elevação de 290 metros foi um desafio para os trilheiros de primeira viagem, mas que foi superado com muita garra e determinação por cada um. Chegar ao topo foi o ápice de uma jornada vivida com muita parceria e resiliência a cada passo.

VIVER A NATUREZA

A experiência foi inédita para os alunos mas também para os guias, que nunca haviam liderado um grupo numeroso de jovens. Reinaldo da Luz iniciou no mundo do montanhismo em 1985 e seu amor pela obra de Deus se renova a cada grupo que guia rumo ao topo de montanhas do Brasil e além-Brasil. “Cada dia é um aprendizado, com estes jovens aprendi a beleza da união e da amizade”. Ele destaca que os apren-

dizados de subir uma montanha vão além do ambiente da trilha, são para a vida toda. “O milho para chegar a ser pipoca tem que passar pelo processo do fogo. Para que a gente tenha algum aprendizado na vida, a gente tem que passar pelas adversidades. A partir do momento que você enfrenta a adversidade, você está apto a enfrentar as

dificuldades”, afirma Reinaldo. Para Lucielen Andrade, foi gratificante poder acompanhar os jovens nesta jornada para contemplar a natureza, que é presente de Deus. O montanhismo faz parte de sua vida desde a infância: “subir uma montanha pra mim é vida, é viver mesmo o que é para ser vivido, onde a gente vê e contempla esse contato total com a natureza”, afirma Lucielen. Apresentador do Preservação Ambiental desde 2007, Marcelo Chaves gravou um episódio especial da temporada de montanha junto aos alunos da Faculdade Canção Nova. O missionário recorda que apresentar este programa é uma missão de evangelização: “levar para o coração das pessoas a importância de preservar a natureza para as presentes e futuras gerações”.



Marcelo Chaves, apresentador do “Preservação Ambiental”. Foto: Marcos Vitor



Alunas da Faculdade Canção Nova na Pedra Furada. Foto: Marcos Vitor



Foto: Marcos Vitor

PARA AO ALTO

Criado em 14 de junho de 1937, o Parque Nacional do Itatiaia é uma unidade de conservação de proteção integral da natureza. Fauna e flora preservados que permitem aos visitantes uma imersão no bioma da Mata Atlântica. A aluna Aysha Azevedo compartilha que este contato com a natureza é libertador, traz uma paz que não se encontra no dia a dia. Para ela, o mais marcante foi a vista deslumbrante no alto da montanha: “é lindo de ver, é muito além das janelas do meu quarto”. O aluno João Saggiore sempre quis viver esta experiência e afirma que venceu o medo de altura por intercessão de São Pier Giorgio Frassati, jovem ita-

liano montanhista canonizado este ano. “Pier Giorgio está me ajudando a contemplar a Deus de uma outra forma, através da natureza que Ele criou e isso é magnífico”, ressalta João.

O silêncio da montanha, o som dos pássaros, a imensidão verde e azul do horizonte... Cada aluno sentiu a montanha de uma maneira diferente, mas todos compartilham que a experiência foi transformadora e ficará marcada em seus corações. O aluno Franklyn Santiago deixa o convite para todos os leitores: “quem tem vontade vem experimentar que você não vai estar perdendo nada. É uma experiência fantástica”.



Foto: Marcos Vitor

25 ANOS PRESERVAÇÃO AMBIENTAL

Foto: Marcos Vitor

PROGRAMA PRESERVAÇÃO AMBIENTAL
PROMOVENDO A CONSCIENTIZAÇÃO E O CONHECIMENTO SOBRE A NATUREZA E CULTURA DOS LOCAIS VISITADOS.



AOS SÁBADOS: 12H30 E AOS DOMINGOS: 18H30
NA TV CANÇÃO NOVA



A Chama da Tradição

Balões e trens em um espetáculo visual

Por Franklyn Santiago

Meios de transporte mantém viva cultura de um passado não tão distante

Do frescor e liberdade do céu ao calor do metal. Ambos dependentes do fogo, trens e balões proporcionam um espetáculo visual e carregam a mesma chama - reacender épocas passadas e a cultura daquilo que, um dia, já foram os principais meios de transporte.

Embora obsoletos como transporte de pessoas, ainda podem fornecer uma visão deslumbrante e uma maneira de experimentar o que hoje é história. A sensação de nostalgia e encanto ao presenciar uma majestosa cena, seja com os gigantes de ar ou com a velha senhora dos trilhos, causa comoção em todos os públicos, independente de idade.

Ambos são formas de revisitar tempos passados, transformando o turismo em emoção e cultura, construindo novas memórias notáveis. Um simboliza a liberdade de voar, flutuar pelos céus. Já o outro, resgata a memória de quando as locomotivas levavam o progresso onde quer que fosse. Juntos, movimentam a economia de suas regiões e deixam marcas nas vidas das pessoas e na cultura local.



A MARIA-FUMAÇA DO TREM DA SERRA DA MANTIQUEIRA

Costurando a Serra da Mantiqueira, a maria-fumaça parte com seu apito anunciando sua chegada e deixando seu rastro de fumaça por onde passa, com elegância e potência, atraindo olhares e exclamações, realizando sonhos daqueles que ainda não experienciaram essa atividade cultural.

Jonas Martins, de 40 anos, maquinista há 10 e diretor da Associação Brasileira de Preservação Ferroviária (ABPF), conta como seu trabalho é a realização de um desses sonhos. “Desde que eu me entendo por gente, tenho contato com trem, sempre foi uma paixão de criança. Tenho parentes que trabalham no ramo ferroviário, então sempre gostei”, afirma.

A locomotiva, de quase cem anos, tem em sua lateral o nome Leopoldina, e refere-se à estrada de ferro que abrangia os estados de MG, RJ e ES - uma das mais importantes ferrovias do Brasil imperial e início da República. Ela foi fabricada na Inglaterra em 1928 e ainda está em atividade, tendo transportado passageiros em diversas cidades, como Cruzeiro (SP), São João Del Rey e Passa Quatro (MG). Com uma capacidade de 150 passageiros, hoje faz apenas passeios turísticos, partindo da estação de Passa Quatro, passando na estação Manacá e finalizando a rota na estação Coronel Fulgêncio, localizada no túnel da Mantiqueira, onde encerra o passeio e retorna ao ponto inicial.

Jonas relembra dos belos momentos que vivenciou como maquinista. Em

uma ocasião, em um passeio escolar, uma das crianças lhe presenteou com um trenzinho em miniatura: “isso realmente mexeu comigo, sabe? Eu senti naquela criança o encanto com o passeio. E eu revisei minha infância. Isso realmente me marcou. É gratificante”. “O mais importante do trem são as pessoas. Cada pessoa que passa por aqui, fica marcada e deixa sua marca”, afirma.

O maquinista comenta sobre como o trem caiu em desuso com o avanço do modal rodoviário. Com a eficiência dos automóveis, como carros e motos, os trens se tornam uma opção menos utilizada. Ele também aponta que, até para as viagens mais longas, há substitutos mais viáveis. “O trem sobreviveu ao automóvel, mas não sobreviveu ao avião”, explica. O “esquecimento” dos trens também corroborou com essa condição de obsolescência. A falta de investimentos e novos projetos para atualizar o transporte ferroviário o diminuiu apenas como forma de resgate cultural e turístico.

Manter viva essa história, com tamanho legado, se torna imprescindível para a cultura de um país que foi tão dependente dos trens para a sua ascensão, desde 30 de abril de 1854, quando a locomotiva “Baroneza” circulou na primeira linha ferroviária do Brasil, a Estrada de Ferro de Petrópolis (entre o porto de Mauá, em Magé e Fragoso, ambos no Rio de Janeiro). Trazido e instaurado pelo empresário e banqueiro Irineu Evangelista de Souza, o investimento o auxiliou a se tornar Barão, e posteriormente, Visconde de Mauá.

O mesmo fogo que arde na caldeira do trem, permitindo o seu movimento, está presente em outro meio de transporte, também utilizado no passado, porém obsoleto. Dançando pelos céus, os balões permitem a liberdade de voar e contemplar a vista de cima; para quem fica no chão, o espetáculo visual é igualmente majestoso.



Festival de Balonismo, em Cruzeiro.
Foto: Arquivo Pessoal

DANÇA NOS CÉUS: O FESTIVAL DE BALONISMO EM CRUZEIRO

Nas manhãs e tardes de inverno, os céus da cidade de Cruzeiro - SP ganham um toque de esplendor. Nos momentos de calma, quando os ventos estão mansos, os gigantes de ar quente ganham vida e colorem os céus.

Durante três dias de julho, a Pousada Flor da Serra, torna-se palco do festival de balonismo - um evento multicultural que conta com festival gastronômico, musical além dos balões. No ano de 2025, nos dias 18 a 20 de julho, a atração movimentou milhares de pessoas na cidade, sendo destaque nas redes sociais.

O empresário e produtor de eventos Alexandre Joe, dono da pousada e responsável pela realização do evento, conta como funciona. Os balões levantam voo em dois períodos por dia - ao amanhecer, por volta das 7 da manhã, e ao entardecer, próximo ao pôr do sol, quando ainda não há fortes correntes de ar. “O balonismo tem duas preocu-

pações: chuva e vento forte. Se houver rajadas de vento acima de 15 km/h, o balão já não sobe. A gente preza muito pela segurança. No nosso último festival, houve rajadas de 15 km/h e os balões não decolaram, apenas fizemos algumas brincadeiras para entreter a população. Havia cerca de 15 mil pessoas no evento, mas o pessoal curtiu assim mesmo”, relata Joe.

Quando questionado sobre os acidentes que ocorreram no mesmo período, em outros lugares do Brasil (Capela do Alto - SP, e Praia Grande - SC, em 15 e 21 de julho, respectivamente), Alexandre afirmou que se tratam de acidentes que aconteceram em vôos clandestinos, sem liberação da Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC), o que foge totalmente da índole do tipo de evento que realiza.

O produtor, que também faz passeios de balão, afirma que está realizando o processo para tirar o Brevet (licença para piloto de balões). Ele conta como são os passeios na região: “você vê as montanhas praticamente ao seu lado, a cidade, o Rio Paraíba. É mágico! Quando se faz com segurança e profissionalismo, só existe magia, beleza e o extraordinário”, relata.

A navegabilidade do balão se dá por meio dos ventos. Conforme o balão ganha altura, ele alcança diferentes camadas de ar, que sopram para direções diferentes. Para ganhar altitude, o piloto ativa o maçarico e aquece o ar dentro da lona do balão. A diferença de temperatura faz com que o balão suba, pois o ar quente é menos denso, ou mais leve, do que o que está em seu exterior. Quando atinge a altura desejada, o piloto cessa a chama e pode navegar para a direção em que o vento está soprando. “É até engraçado, porque às vezes o balão está indo para uma determinada direção e, de repente, ele começa a voltar, porque entrou em uma corrente de vento contrária e

acaba indo na direção oposta”, conta ele.

Alexandre estima que, durante os três dias do evento, cerca de 50 mil pessoas participaram. “É um evento que reúne famílias. São três dias que movimentam a cidade, geram alegria e emoção. Geram euforia no público”, afirma. O empresário afirma que pretende continuar realizando o evento e conta com a ajuda das prefeituras da região como um importante apoio.

Locomotivas e balões tiveram seus tempos áureos e hoje seguem em atividade, mas apenas com o glamour de sua presença, resgatando as raízes e a cultura. São maneiras de manter acesa a chama, que lhes dá vida e permite o movimento, dentro dos corações das novas gerações.



Arte&Fato



Foto: Arquivo Pessoal



Foto: Franklin Santiago

Arte&Fato

3 *Motivos para você conhecer a FCN*

- 1. Formação que une excelência e propósito**
Aqui você desenvolve competências profissionais alinhadas a valores humanos, em um ambiente que inspira crescimento real.
- 2. Bolsas e facilidades que tornam o sonho possível**
Diversas modalidades de bolsas e apoio estudantil para você estudar sem pesar no bolso – qualidade acessível.
- 3. Experiências práticas que transformam sua carreira**
Projetos reais, professores que acompanham de perto e oportunidades que conectam você diretamente ao mercado.

Acesse: fcn.edu.br



Canção Nova

FACULDADE

Artefatos Culturais

O patrimônio esquecido em Canas

Por Marcos Vitor Souza

A história do Vale do Paraíba ainda guarda muitos aspectos pouco conhecidos. No Sítio Arqueológico de Canas (SP), foram encontrados vestígios que ajudam a compreender a formação cultural da região, mas a falta de divulgação ameaça sua preservação. Para entender melhor a importância desse patrimônio, a historiadora Cláudia Queiroz, mestre em Arqueologia e atuante na área há mais de três décadas, conta sobre o achado. Desde 1997, ela desenvolve em Jacareí (SP) um trabalho voltado à proteção e estudo de materiais históricos como os encontrados no município.

NO QUE CONSISTE O SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE CANAS? QUAIS TIPOS DE MATERIAIS PODEM SER ENCONTRADOS NO LOCAL?

O sítio era uma grande aldeia, muito bem preservada, que foi ocupada por um grupo Tupi-guarani. Embora não tenhamos uma datação exata, a preservação dos objetos indica que não é tão antigo, provavelmente em torno de 500 anos, próximo à época do contato com os europeus. Os principais achados consistem em uma grande quantidade e variedade de objetos cerâmicos, como potes, tigelas e urnas funerárias, feitos com a argila da própria região. Essas peças eram confeccionadas pela técnica de acordelamento, alisadas e depois queimadas. Outro tipo de objeto encontrado são os artefatos líticos, que são quaisquer objetos de pedra produzidos ou utilizados pelo homem. Isso abrange desde uma ponta de flecha lascada até um simples seixo usado para quebrar um coquinho ou para lascar outra pedra. Apesar da presença de placas e indicações, não há um local específico para visitas.

O QUE O DESCOBRIMENTO DESSES MATERIAIS PODE NOS REVELAR SOBRE A CULTURA LOCAL?

A descoberta revela que o grupo que ali viveu era aparentado da etnia Tupi-guarani, era um grupo agricultor e ceramista, ou seja, já produzia cerâmica e praticava a agricultura.

Era um grupo sedentário e os achados ajudam a explicar a origem de muitas palavras que usamos, como nomes de cidades, objetos e animais, que estão relacionadas à língua Tupi-guarani. Mostra também que o grupo esteve bem espalhado pelo Vale, e permite que se desenhe uma trajetória de onde eles vieram e qual foi a rota de fuga deles na época do contato com o europeu. Através de uma análise mais detalhada das panelas de cerâmica, por exemplo, conseguimos identificar que tipo de alimentação eles tinham, o que eles produziam e comiam, e a partir daí, até que tipos de doenças poderiam surgir.

QUE TIPO DE IMPACTO CULTURAL O DESCONHECIMENTO DA POPULAÇÃO PODE CAUSAR NA PRESERVAÇÃO DESSES ARTEFATOS?

Quando não conhece, você destrói, e destruindo, você está destruindo parte da sua história e da sua identidade. Isso tudo faz parte da vida e da história de quem mora na região, de quem nasceu na região. É importante conhecer essa parte da história, porque o que nos é passado geralmente é a visão a partir do europeu, de uma cultura diferente. A partir do momento que você está num sítio arqueológico e consegue recuperar uma grande quantidade de material, você traz informações que não se encontra em livros escritos a partir da visão do colonizador.

& Ping Pong



Escavações em Canas.
Fotos: Arquivo Pessoal



QUAIS MEDIDAS E/OU POLÍTICAS PÚBLICAS PODEM SER TOMADAS PARA DIVULGAR O CONHECIMENTO A RESPEITO DESTES ACHADOS?

Existem várias maneiras. Parcerias com indústrias para se conseguir fazer a pesquisa, porque não é barato. Um interesse maior das administrações públicas também é fundamental. É possível trabalhar com o desenvolvimento e o crescimento das cidades, preservando o patrimônio. Em Jacareí, por exemplo, a gente tem leis de patrimônio e o núcleo de arqueologia onde o material é guardado sob a responsabilidade da Fundação, mas com o aval do Governo Federal. É investimento. Em Canas, por exemplo, daria para se trabalhar com a cerâmica, de repente criar um núcleo cerâmico atual, mas voltado para as tradições. O mínimo que a administração pública pode fazer é divulgar esse material, é musealizar, ou seja, devolver para a comunidade esse material que foi pesquisado, com uma linguagem mais simples, para que as pessoas entendam e busquem conhecer mais.

QUAL A INFLUÊNCIA SOCIAL DE PRESERVAR E VALORIZAR SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS COMO O DE CANAS PARA A HISTÓRIA E A IDENTIDADE DE UMA COMUNIDADE?

O maior objetivo de preservar os sítios arqueológicos e o material é fazer com que as pessoas da comunidade se identifiquem com aquele grupo que existiu ali, que entendam que aquilo é a história dela, é a origem dela. É ali que ela pode entender porque ela usa algumas palavras ou porque ela age de algumas formas. É tudo uma questão de identidade, de se reconhecer parte daquela história. O nosso foco principal hoje é a comunidade. A gente realiza muitas ações em escolas, já percorremos várias cidades do Vale com uma exposição, a gente procura parcerias com as cidades para levar exposições, para levar palestras. A ideia é devolver o resultado dessas pesquisas para a comunidade de uma forma simples, para que esse conhecimento seja dividido.



Artefatos indígenas encontrados no sítio. Fotos: Arquivo Pessoal



Made in... Raízes

Por Ana Julia Pires

As histórias gastronômicas de imigrantes que ajudaram a construir a identidade da região

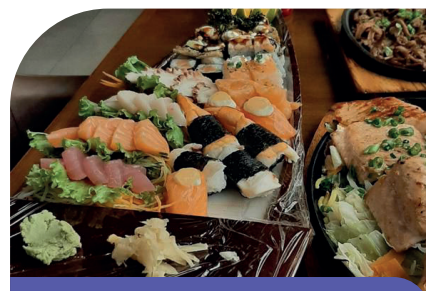
Já parou para pensar como o Vale do Paraíba é rico em culturas gastronômicas? Aqui, cada prato servido é também uma lembrança, construída com a presença de japoneses, alemães, portugueses, libaneses e italianos. Entre o litoral norte e a serra paulista, a cultura imigrante se mistura à brasileira.

A história da imigração japonesa no Brasil começou lá em 1908, com a chegada do navio Kasato Maru ao porto de Santos. A partir daí, famílias inteiras se espalharam pelo interior paulista, inclusive no Vale do Paraíba, em busca de trabalho e estabilidade.

Em Lorena, essa presença se transformou em tradição. A Associação Nipo-Brasileira (ANPLO), é um dos principais pontos de preservação cultural. Eventos como o Shinnenkai, o Tanabata Matsuri e o Undokai reúnem descendentes e moradores para celebrar a cultura. Para Patrícia Kofuji, agente da Vigilância Sanitária e descendente de japoneses por parte de pai, essa herança continua presente no cotidiano: “Mantemos hábitos alimentares e datas festivas. Há muitos comércios e indústrias fundadas por japoneses na região, e isso mostra o quanto a contribuição da comunidade é significativa.”

A aposentada Maria Helena Kuranga, também descendente, vive em Lorena há 60 anos. Ela lembra que sua família foi uma das primeiras a chegar na região. “No início, contribuíram com o plantio de verduras. Depois de um tempo, vieram mais famílias que começaram a abrir lojas, lavanderias. Em meados da década de 1960, fundaram a associação dos

japoneses para preservar a cultura.” Hoje, pratos como sushi, sashimi, yakisoba e karê deixaram de ser exóticos e se tornaram parte da rotina regional. A influência japonesa está nos restaurantes, nos mercados e até nos temperos do dia a dia.



Culinária Japonesa. Foto: Julia Silveira

Mas e você, prefere algo mais natural e sazonal ou robusto e saboroso? Se a sua resposta foi a segunda opção, a culinária alemã tem um jeitinho especial de conquistar paladares. Em Guaratinguetá, o empresário Julio



Restaurante Fritz, em Guaratinguetá. Foto: Julia Silveira



Coelho está à frente do restaurante Fritz. Conhecido pelos pratos típicos da culinária alemã como Joelho de Porco, Salsichas e Chucrute. Ex-bancário por 25 anos, ele decidiu mudar de vida e investir na gastronomia. “Antes de abrir o restaurante, eu era bancário. Cansado dessa rotina, resolvi empreender. A curiosidade pela comida alemã é grande, porque é diferente da brasileira, mais baseada em carne de porco e sabores fortes”, explica.

Julio conta que boa parte do público é local, mas o restaurante também recebe descendentes de alemães que trabalham em empresas da região. “Alguns clientes até nos presentearam com quadros da Alemanha e camisetas de futebol autografadas. Isso mostra que o espaço se tornou um ponto de encontro de culturas.”

Para atender ao gosto dos clientes brasileiros, Julio precisou adaptar parte das receitas originais da culinária alemã. “Existem pratos que tivemos que ajustar para o paladar brasileiro. O chucrute é um deles, e até o modo de preparar o Joelho de Porco, que é o carro-chefe da culinária alemã, precisou mudar um pouco. No paladar alemão, quanto mais azedinho, melhor, então tivemos que suavizar esse sabor”, explica. O Vale do Paraíba tem cheiro de café fresco e sotaques misturados.

Árabes, italianos e portugueses também deixaram sua marca no Vale do Paraíba. Vindos em diferentes períodos, eles contribuíram para o crescimento cultural da região, e ajudaram a formar uma culinária diversa.

Segundo pesquisa da Universidade Federal Fluminense (UFF), “a formação das comunidades árabes no Brasil está associada às redes de solidariedade entre imigrantes sírios e libaneses mais antigos e os que chegaram depois”.

Essa união ajudou a construir negócios familiares, de padarias a restaurantes, e espalhou o aroma das



Patrícia Yumi com a família, no Japão. Foto: Arquivo Pessoal

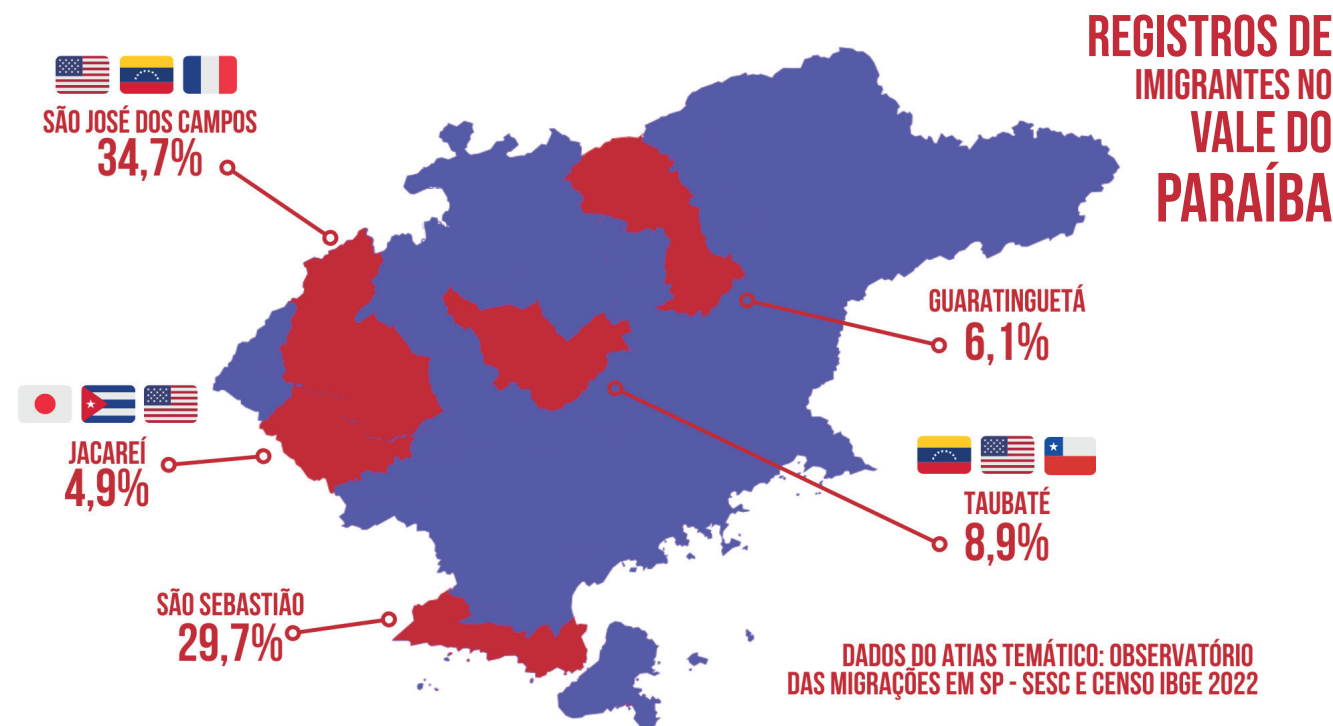


esfihas, kibes e doces de mel e nozes pelas ruas de cidades como Guaratinguetá, Taubaté e Lorena.

Os italianos, que começaram a chegar em grande número ao Brasil a partir de 1875, também tiveram forte presença no Vale do Paraíba. Conforme lembra uma reportagem do portal Voz do Vale sobre os 150 anos da imigração italiana, muitos vieram para trabalhar nas lavouras e acabaram se estabelecendo de vez, influenciando a culinária regional com massas artesanais, molhos e o tradicional pão caseiro.

Já os portugueses, além da língua e da fé católica, trouxeram o gosto pelos bolos e pratos à base de peixe e bacalhau, que se misturaram aos ingredientes locais. Foram eles também que ajudaram a fundar parte da estrutura urbana e comercial do Vale.

Hoje, o resultado dessa mistura é uma culinária rica e afetiva, onde cada receita guarda um pedaço da história de quem veio de longe e escolheu o Vale do Paraíba para chamar de casa.



Amácio Mazzaropi

O caipira que deu voz ao brasileiro

Por João Saggiaro

Em meio ao avanço da urbanização nos anos 70, o povo caipira ganha forças no Vale do Paraíba

O século XX foi marcado por uma transformação no Brasil. Até os anos 50, uma nação, sobretudo, rural vivia no país, porém, com o avanço da urbanização, a população se deslocou do campo - fenômeno que ficou conhecido como "êxodo rural". Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 1970, a população urbana já era maioria e ali uma nova era se instaurava.

A região do Vale do Paraíba não ficou para trás. Das décadas de 40 a 70, mais de 30% da população do interior participou desse movimento, chegando a 73,2% de moradores nas áreas urbanas dos municípios.

Mas por que uma matéria de um dos maiores nomes da cultura filmográfica do nosso país começa com uma aula de história e geografia? Isso fará sentido no decorrer das linhas abaixo, que contarão sobre a vida e a importância para a cultura caipira do saudoso escritor, humorista, ator, roteirista, produtor e cineasta brasileiro, Amácio Mazzaropi. Então senta, que lá vem história...

SAI DA FRENTE: O COMEÇO DO CAIPIRA PAULISTANO

Mazzaropi não nasceu no interior, mas se tornou parte dele. Ele veio ao mundo na cidade de São Paulo, em 1912, quando a maioria da população ainda vivia e respirava a vida no campo. Quando tinha dois anos, seus pais, que eram imigrantes, decidiram voltar para a cidade à qual chegaram no Brasil, Taubaté, dando início à trajetória do pequeno Amácio no Vale do Paraíba.

Foi quando ele e sua mãe tiveram que se mudar para a casa dos seus avós, na cidade ao lado, Tremembé. Ali ele descobriu o mundo da arte e se apaixonou. Seu avô João Ferreira era violonista, dançarino e um animador famoso de festas da região. A veia artística de Mazzaropi pulsava pela primeira vez, descobrindo logo cedo a verdadeira paixão da sua vida.



Mazzaropi em cena - Fonte: Filme - O Grande Xerife (1972)

Porém, junto da estadia, com o seu amor pela arte, a essência rural também conquistou o seu coração - nascia, então, o Caipira mais famoso do Brasil.

Inicialmente conquistou as plateias em shows de humor e teatros, passando para as rádios, onde ganhou o famoso apelido, até chegar às telas do cinema. Foi nesse lugar que Mazzaropi se consolidou; ali fez história e chegou com firmeza aos lares do Brasil, sendo o grito que vinha do interior brasileiro.

TRISTEZA DO JECA: A LUTA IGNORADA

Nem todos os personagens de Mazzaropi nasceram como caipiras, mas devido ao desejo de transmitir a cultura que amava, Amácio levou consigo a alma caipira em cada personagem. Assim como explica a doutora em Ciências Sociais, Soleni Fressato: "em todos os seus filmes o personagem é sempre um caipira. Não se trata de um 'inventado' por Mazzaropi. Ele se inspirou em vários outros caipiras, em suas falas, modos de pensar e agir, presentes na cultura e nas artes para personificar o seu".

Soleni descobriu Mazzaropi quando começou a estudar cinema sob uma perspectiva sociológica, justamente para o seu ingresso no doutorado. Com suas pesquisas, ela percebeu que o artista não tinha seu devido valor reconhecido e era ignorado pelas grandes produções, pois sua luta era por um povo que não tinha voz. "Mazzaropi era deixado no ostracismo, considerado um cinema menor pelos críticos de cinema e pelos estudiosos da academia, porque não tratava de revolução", relata.

UM CAIPIRA ATEMPORAL

O artista representa um povo que perdeu seu espaço com o avanço da urbanização; os que ficaram no interior eram tratados pelos moradores das metrópoles como marginalizados e eram zombados por suas características. Entretanto, Amácio Mazzaropi veio para representar o seu povo com arte e humor.

Essa representatividade ultrapassou gerações. Eduardo Silva tem 19 anos, mas, graças ao exemplo de sua família, conheceu as obras de Mazzaropi. O jovem conta que conheceu ainda pequeno os filmes e, com o passar do tempo, deixou de ter apenas afinidade e se tornou um "autêntico admirador" do artista. "Mazzaropi representa os meus antepassados, a gente do meu sangue, nos mais diversos aspectos[...],

familiares mais próximos que até hoje vivem a vida campestre são bem representados pelas obras de Mazzaropi. Nesse sentido, as produções de Amácio representam, para mim, os modos e a cultura do meu povo", frisa Eduardo.

SESSÃO HOMENAGEM: A CONSOLIDAÇÃO DO SEU TRABALHO

A escolha do artista por essa cultura talvez não tenha lhe rendido o grau de fama merecido, mas a decisão por tal temática lhe deu algo que durará para sempre: o respeito e a admiração de pessoas que se viram homenageadas por ele. Amácio Mazzaropi se mostra atemporal - são mais de 40 anos da sua morte - e seu legado permanece vivo. Pedro Rogério é natural de São José dos Campos e escolheu levar como exemplo o eterno "Mazza".

Ele conheceu os filmes do Mazzaropi em sua infância e aos 12 anos, em uma viagem a Taubaté, colocou uma botina amarela, chapéu de palha, camisa xadrez e fez um bigode. Por fim, se apresentou como o seu astro: "subi no palco não para imitar, mas sim homenagear esse grande artista e falar do seu legado. Todos acharam muito bonito ver uma criança falando sobre Mazzaropi", relembra Pedro.



Pedro Rogério caracterizado como o seu personagem "Caipira Mazaropinho" - Arquivo Pessoal



Amácio Mazzaropi na frente das câmeras no teste para o seu primeiro filme - Fonte: Banco de Dados da Folha

Com o passar do tempo, Rogério se tornou Mazaropinho, quando um amigo do seu pai, Moisés Real, um grande sanfoneiro da cidade que o acompanhou no início de carreira, batizou o personagem.

O humorista conta também sobre a importância do ícone do cinema para sua vida: "eu falo sobre Mazzaropi o dia inteiro, é uma grande paixão, sempre que posso falo sobre ele. Eu respiro Mazzaropi mesmo". Percebendo tudo o que ele tinha feito para o cinema e para a sociedade, se viu obrigado a levar adiante a memória do artista, ressaltando as causas sociais que Amácio defendia, sempre ajudando os mais necessitados.

"Ele começou com muito sacrifício, se tornou milionário com o cinema, mas jamais esqueceu da sua origem - criamos esse trabalho para que seu nome jamais seja esquecido. O personagem é a lembrança do grande artista que o Brasil amou e continua amando."

O JECA E A ÉGUA MILAGROSA: AGRADECIMENTO AO ETERNO CAIPIRA

Um homem à frente do seu tempo, determinado em dar destaque para todos. Esse, pode-se dizer, foi o papel

mais fiel do artista, que até o final de sua vida representou toda a sociedade brasileira em suas obras. Como lembra Pedro Rogério, "seja o torcedor de futebol, seja o vendedor de linguiça, seja o cadeirante, seja o latifundiário, seja o preto, o branco... Mazzaropi falou através do cinema para todas as classes sociais de forma genuína e brilhante".

Amácio, além de representar, criava oportunidades. Ele não queria o cinema apenas nas mãos dos poderosos, assim como enfatiza a Dra. Soleni: "ele tinha o projeto de levar as pessoas mais simples, as que estavam chegando do campo para viver nas grandes cidades, para as salas de cinema, que na época eram vistas como espaços de uma elite. Mazzaropi buscou romper com essa ideia elitista, popularizando e democratizando as salas de cinema".

De fato, Mazzaropi, está marcado na história de nosso país para sempre. Seu grande legado foi perpetuado no cotidiano, dentro dos lares, mesmo pouco exposto na mídia. O caipira se tornou símbolo dos que mais precisaram da sua voz.



Foto: Julia Silveira

Do Tabuleiro ao Digital

Jogos com expressão cultural

Por Ana Beatriz Oliveira

O barulho dos dados caindo sobre a mesa, as risadas em torno do tabuleiro e a expectativa de um movimento decisivo. Quem nunca se sentiu desafiado durante uma partida de jogo? Seja ele em seus diferentes formatos – cartas de baralhos, tabuleiros ou videogames – os jogos sempre foram capazes de promover um espaço de encontro e conexão entre as pessoas.

Como expressão cultural, esses passatempos têm o poder de transformar qualquer espaço em entretenimento, permitindo às pessoas experienciar papéis que não são possíveis na vida real, convidando os jogadores a colocar em prática sua criatividade e autoconhecimento.

É interessante sentir aquela sensação de nostalgia ao se deparar, depois de anos, com algum game que tenha marcado uma época, uma música ou cenário de jogo que tenha sido memorável. Ao mesmo tempo que os jogos despertam memórias afetivas, eles também passam por constantes transformações, marcando presença como uma linguagem universal.

UM “SKIP” ENTRE AS GERAÇÕES

Partindo de um simples convite a alguém para uma partida de cartas, até a possibilidade de vivenciar essas experiências por um aparelho eletrônico, que leva a diversão para além dos lares. Os jogos evoluíram junto com a tecnologia e em cada geração, são moldados com base nas ferramentas disponíveis, valores culturais e contextos sociais.

Ainda que na atualidade, em uma era cercada por gráficos cada vez mais realistas, no mundo dos games, há quem opte por algo mais narrativo e fictício voltado para a imaginação coletiva. Um exemplo é o RPG – uma modalidade que une estratégia, criatividade e improvisação, onde cada jogador se torna parte essencial da história que está sendo desenvolvida.

Para falar sobre o assunto, Rafael Mattos, Social Media e colaborador da loja Liga Arena, localizada em Guaratinguetá - SP, destaca como o gênero RPG de mesa vai muito além de um passatempo, se tornando uma

ferramenta poderosa para o desenvolvimento pessoal e social, unindo públicos de diferentes idades, mas que possuem algo em comum: o interesse pelo universo Nerd/Geek.

Com base em suas experiências, Rafael conta que os jogos de tabuleiro o ajudaram a se expressar melhor e com mais confiança, além de lidar com situações cotidianas de forma mais criativa: “Você melhora o seu vocabulário e suas habilidades sociais, porque vai estar interagindo com pessoas em situações que não são usuais”.

Mattos ainda humoriza comentando sobre uma situação vivenciada enquanto realizava uma avaliação: “Uma vez fui fazer uma prova de literatura e precisava do sinônimo de uma palavra, e soube responder, porque lembrei que tinha lido em uma das cartas enquanto jogava RPG”.

Partindo de outro ponto de vista, Admir Junior Lapa, apreciador de jogos de videogame e que por muitos anos, foi colaborador de uma empresa de de-

envolvimento de jogos, conta como foi estar inserido nesse universo gamer desde a primeira geração dos consoles: “Comecei a apreciar jogos desde a época onde controles ainda eram de chaves, como um liga e desliga. Meu pai me dava os consoles pra me distrair em casa e passei muitos anos estudando sobre os jogos e equipamentos”.

Para completar, Admir afirma que o hobby foi capaz de incentivar seus conhecimentos, tanto no quesito comunicacional, quanto no educacional, pois foi necessário se aprofundar no assunto e aprender novos idiomas para fazer negócios internacionalmente, fator que abriu muitas portas ao longo de sua carreira profissional: “Por causa dos jogos eu adquiri muitos conhecimentos novos, nas artes e na programação, assim, conhecendo mais pessoas dentro desse universo. Acredito que os jogos me aproximaram das pessoas, me ensinaram coisas novas e me deixaram compartilhar a minha visão desse mundo”, ele complementa.

ALÉM DO “PLAY AGAIN”

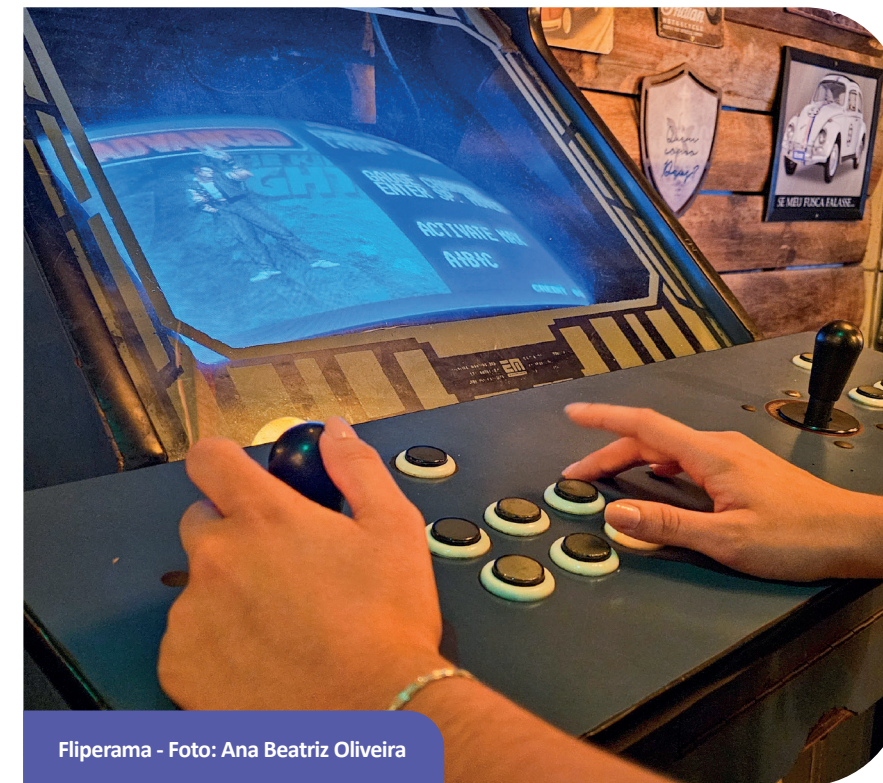
Ao mergulhar na cultura gamer, é notável como é um universo diversificado, onde há sempre espaço para quem deseja sair um pouco da rotina e aproveitar o momento de lazer. Em 2024, a empresa Pesquisa Game Brasil (PGB) realizou uma pesquisa com mais de 13 mil pessoas e constatou que 85,4% dos entrevistados consideram os jogos eletrônicos a principal fonte de diversão e interação quando se trata de estilo de vida gamer.

Observando dentro de um contexto sociológico, os jogos podem se enquadrar como verdadeiros “espelhos da sociedade”, capazes de moldar e refletir comportamentos, valores e visões do mundo. Para a Especialista em Ciências Sociais, Isadora Costa, a relação entre o entretenimento e a sociedade é uma via de mão dupla, onde o jogador, ao assumir um papel ou tomar uma decisão, absorve elementos que passam a fazer parte de seu repertório para pensar e agir no mundo: “Seja cooperando ou competindo, os jogadores

estabelecem relações e diálogos que raramente se limitam aos seus objetivos na partida. Comunidades são formadas a partir do interesse em comum por jogos específicos. Nelas, as pessoas podem trocar informações, marcar partidas e compartilhar experiências, estabelecendo diálogos que podem se expandir para temas variados e construir relações pessoais”.

Mas não acaba por aí! Ainda que os avanços tecnológicos aplicados dentro dos jogos abram espaço para fortalecer essas interações sociais, Isadora observa que, ainda assim, é importante ter atenção à maneira como o conteúdo está sendo consumido de forma a gerar uma dependência. Para ela, o avanço tecnológico trouxe uma imersão cada vez maior com cenários ricos, narrativas complexas e liberdade de ação, mas também levanta uma reflexão: “Até que ponto os nVovos recursos estão potencializando a imaginação e em que momento estão apenas entregando tudo de forma direta e mastigada?”.

A cultura dos jogos, sejam eles de tabuleiro, cartas, RPG ou digitais, representa um dos fenômenos mais ricos e reveladores da sociedade contemporânea. Jogar é, ao mesmo tempo, um ato de criação e de convivência, é quando o raciocínio se encontra com a emoção, e a competição abre espaço para a troca, empatia e aprendizado. Os jogos carregam em si a capacidade de traduzir o mundo, de colocar o jogador frente a frente com dilemas, histórias e possibilidades que espelham a própria vida. Em um tempo marcado pela tecnologia e pela busca por conexões mais autênticas, os jogos continuam cumprindo o papel de aproximar pessoas, fortalecendo a saúde mental por meio da diversão e da coletividade. No fim das contas, compreender a cultura dos jogos é compreender um pouco mais sobre nós mesmos, sobre como pensamos, sentimos e criamos sentido juntos, transformando o simples ato de jogar em uma poderosa forma de expressão humana.



Fliperama - Foto: Ana Beatriz Oliveira

Da rua para o palco

Por Aysha Azevedo

Você sabia que a arte na rua também é uma forma de expressão cultural?



Evento de Rimas. Foto: Aysha Azevedo

O movimento hip-hop, que antes servia para dar vozes, hoje se tornou um estilo musical. Nos anos 1980, o Brasil começava a ouvir, ainda tímido, o eco dessa nova batida que vinha das ruas. Inspirado pela cultura norte-americana, que misturava rima, dança, grafite e atitude, o movimento se tornou uma voz potente das periferias. Nas praças e becos das grandes cidades, jovens encontravam nas palavras uma forma de resistência, denunciando desigualdades e contando suas próprias histórias. O que era visto apenas como um som rebelde, se tornou uma verdadeira revolução cultural — e, décadas depois, o eco dessa batida continua vivo, pulsando agora com força no Vale do Paraíba. Hoje, cidades como Cruzeiro, Lorena e outras da região, são palco de uma nova geração de artistas que transformam as batalhas de rima em espaços de visibilidade, educação e transformação social. O que antes era apenas encontro entre amigos, virou um movimento organizado, que envolve projetos culturais, oficinas e até leis de reconhecimento.

RIMAR É PERSISTIR

Para quem vive essa realidade, o hip-hop é mais que arte — é identidade. Fulvio Santiago, conhecido como Full, um dos nomes de destaque do freestyle em Cruzeiro, encontrou na cultura uma forma de educar e inspirar. “Eu enxergo o hip-hop como o principal método de educação e disciplina para uma vida melhor. Ele ensina a lidar com sentimentos e mostra que podemos fazer a diferença na sociedade”, reflete. Maria Clara Tavares, conhecida como Hela MC, que hoje dá aulas de hip-hop para crianças, viveu de perto essa transformação, “A roda de rima me deu uma família na rua, novos ideais e uma voz ativa. Ensino meus alunos que não é preciso ofender o outro pra ser bom — dá pra vencer se engrandecendo também”, contempla Hela.

A artista lembra que o hip-hop nasceu justamente como ferramenta de paz, criado para evitar brigas e resolver conflitos por meio das palavras. E, mais do que nunca, esse

propósito segue vivo nas ruas.

Enquanto Cruzeiro ainda está no processo de se consolidar no movimento, cidades vizinhas já avançaram um passo. Em Lorena, por exemplo, o hip-hop foi oficialmente reconhecido como movimento cultural por lei municipal — resultado do esforço e organização dos artistas locais.

Breno dos Santos, conhecido como MC Brenin, um dos nomes à frente dessa conquista, conta que o reconhecimento foi fruto da união dos coletivos: “começou tudo na raça, sem estrutura. Mas a força da galera fez o movimento crescer até ser reconhecido como expressão legítima. Hoje, o hip-hop daqui é referência na região.”

A cidade celebra anualmente o Dia do Hip-Hop, com batalhas, grafites e shows abertos à comunidade. Esse apoio institucional abriu portas para editais, eventos e mais visibilidade. “Quando o poder público entende que o hip-hop educa, resgata e dá oportunidade, toda a cidade cresce junto”, completa Breno.

JUVENTUDE QUE RESPIRA RIMA

Em Cruzeiro, a nova geração vem mantendo viva essa chama. Gabriel William, conhecido como GWzin, descobriu a arte da improvisação ainda adolescente. “Quando vi a primeira batalha de rima na minha cidade, tudo mudou. Foi ali que eu percebi que isso era o que eu queria pra minha vida. O hip-hop me deu propósito”, afirma ele. Para ele, o movimento é uma forma de expressão e acolhimento — “O hip-hop é a nossa arma, nosso meio de defesa. É onde quem não é ouvido pode falar. Aqui, um ajuda o outro, e a energia é única”, ressalta.

O som das rimas e batidas que ecoam nas praças de Cruzeiro e região encontrou um novo palco: o projeto Real Vale, uma iniciativa que nasceu da paixão pela música e da vontade de mudar realidades. O nome, que hoje carrega

peso cultural, surgiu de forma simples, mas com um propósito enorme — conectar o hip-hop às comunidades do Vale do Paraíba.

DO ÁLBUM AO MOVIMENTO

A história começou em 2021, quando João Victor dos Santos Nascimento, músico e produtor, e seu irmão João Victor Gomes lançaram um álbum chamado Real Vale. O disco unia diferentes estilos — rap, funk, gospel, drill e plug — e acabou se tornando um símbolo regional. De acordo com Nascimento, o nome “Real Vale” surgiu de forma espontânea, e quando o público começou a se reconhecer na proposta do evento. Ele percebeu que a expressão se espalhava entre os participantes e decidiu transformar essa identificação em algo que pudesse gerar impacto social positivo.

Da música ao movimento foi um passo rápido. Junto com o fotógrafo Eduardo “Barney” Bohme, Nascimento organizou a primeira edição do evento, marcada pela união e pela criatividade.

O que começou de forma simples se transformou em um encontro de arte, cultura e solidariedade que vem crescendo a cada edição. Hoje, o Real Vale é um dos principais projetos de incentivo à cultura urbana no interior paulista, reunindo artistas, produtores e jovens de diferentes cidades do Vale.

A essência do projeto é abrir espaço para que os jovens encontrem na arte uma forma de expressão e descoberta pessoal. “O hip-hop é uma cultura forte e acessível, que conecta pessoas de todas as idades e lugares” explica Nascimento. “As batalhas e oficinas são portas de entrada. Elas ajudam o jovem a se expressar, a transformar energia em criatividade e a entender que a arte é um caminho possível” acrescentou.

A produtora musical Maria Fernanda Coutinho, que também está à frente do evento, reforça que a proposta vai

muito além do entretenimento: “O principal foco é levar a cultura até os jovens e fazê-los vivenciar o hip-hop de verdade. Queremos que participem de batalhas, componham, toquem instrumentos e descubram talentos. O evento é um espaço de apoio mútuo — o público tem acesso à cultura e o artista tem visibilidade para mostrar sua arte.” Maria Fernanda acredita que o Real Vale é um ponto de virada para muitos jovens que, até então, não tinham contato com produções artísticas. Ela destaca que a arte é também uma forma de inclusão. “O hip-hop mostra que é possível correr atrás de um sonho e mudar de vida. Muitos meninos aprendem a colocar no papel o que sentem, e isso é libertador. É um jeito de se abrir, de falar das dores e também das vitórias.” afirma a jovem.

UM PALCO PARA O FUTURO

Além de promover eventos, o Real Vale sonha alto. A meta é se consolidar como uma escola de música e cultura hip-hop, oferecendo aulas, oficinas e oportunidades profissionais. “A arte não é só expressão, é profissão. Assim como não vivemos sem arte, também vivemos da arte”, afirma Maria Fernanda.

O também organizador, Gabriel Monteiro, compartilha da mesma ideia. Para ele, o Real Vale é uma ponte entre gerações e talentos. Ele ressalta que o propósito do evento é inspirar crianças e jovens a confiarem em suas habilidades, além de oferecer espaço para a

comunidade se expressar e se desenvolver junto com os artistas locais. “Quando as pessoas veem o evento bem organizado, com música, dança e oficinas, entendem que o hip-hop não é bagunça — é cultura, é alegria”, diz Nascimento. “É gratificante ver mães levando os filhos para assistir e participar. Isso quebra preconceitos e muda olhares.”

Entre rimas, beats e abraços, o Real Vale segue crescendo como um movimento que constrói laços e inspira futuros. A cada edição, novas vozes sobem ao palco — e com elas, o som da transformação continua ecoando pelas ruas do Vale.

UM MOVIMENTO QUE EDUCA E TRANSFORMA

A força do hip-hop no Vale do Paraíba vai além do entretenimento, é educação, autoconfiança e valorização pessoal. Ao ocupar o espaço público com arte, os MCs, DJs, grafiteiros e dançarinos mostram que a cultura de rua é, antes de tudo, um ato de pertencimento.

Em cada verso improvisado, há uma história contada, uma dor compartilhada e um futuro sendo desenhado. As batalhas de rima de Cruzeiro e região são mais do que disputas — são a prova viva de que o conhecimento pode vir do microfone, da rima e da rua.

O hip-hop dos anos 80 nasceu como uma forma de enfrentamento. O do Vale do Paraíba, quarenta anos depois, continua firme — e inspirando.



Evento de Rimas. Foto: Aysha Azevedo

Frei Galvão

Influência que perpetua até os dias de hoje

Por Luan Nogueira



Capela Nossa Senhora Aparecida - Foto: Luan Nogueira

Santo Antônio de Sant'Anna Galvão é o primeiro santo brasileiro, canonizado no dia 11 de maio de 2011, quando o Papa Bento XVI veio ao Brasil, por ocasião da 5ª Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe (CELAM), e realizou a Missa de Canonização no Campo do Marte, em São Paulo, a primeira cerimônia do tipo, fora do Vaticano. Os milagres que levaram à sua beatificação, e subsequente canonização, foram a cura de uma jovem chamada Daniela, que se encontrava num estado irreversível de enfermidade, e de Sandra Grossi, que não podia engravidar devido a uma deformidade no útero. Apesar de ser contemporâneo do século XVIII, o testemunho de vida de São Frei Galvão exerce influência nacional até os dias de hoje, religiosa, e socialmente falando.

O Frei Diogo Atalino de Melo, OFM (Ordem dos Frades Menores), do Santuário de São Frei Galvão, localizado em Guaratinguetá (SP), nos alerta so-

bre esse pensamento, e conta quais foram os detalhes mais marcantes de sua vida: “O testemunho de vida e fé de Frei Galvão continuam atuais. Não é uma história do passado, mas ele tem repercussão no presente. Aspectos de Frei Galvão, como o amor aos mais pobres, a dedicação aos enfermos, [...] são aspectos da sua vida que ainda hoje são tão necessários e urgentes. Então, a vida de Frei Galvão ilumina a nossa vida, nos dias de hoje, continua sendo um farol para esses momentos de escuridão, que ainda enfrentamos”.

Thereza Maia, historiadora do Vale do Paraíba, e sobrinha-neta de São Frei Galvão, num documento regido por ela, chamado: “A Vila Santo Antônio”, fez uma previsão: “Realmente, os milagres aconteceram e Frei Galvão foi canonizado em 11 de maio de 2007, como previa o texto de 1930. A canonização do Santo deixou uma herança em Guaratinguetá: a cidade tornou-se Estância Turística Religiosa a primeira

do Estado de São Paulo em 2009. Em 2014 recebeu o título de Estância Turística do Estado de São Paulo. Espera-se que o novo título dê novo rumo à história de Guaratinguetá, valorizando a gente e a terra de Frei Galvão para o Brasil e o mundo”, e de fato, valorizou. Os relatos da vida deste santo, ressaltado pela sua Canonização, impulsionaram o Turismo Religioso de Guaratinguetá, fazendo com que ela recebesse cerca de 1,2 milhões de turistas por ano, também porque passou a fazer parte da “Rota da Fé”, um importante circuito religioso no Vale do Paraíba, que se inicia em Águas da Prata, em Minas Gerais, passa por Cachoeira Paulista, e finaliza em Aparecida, ambas São Paulo.

Desde 2007, os investimentos em infraestrutura, para receber melhor os fiéis, foram milionários, especialmente em 2024, com a conclusão das obras do Centro de Recepção ao Turista, a revitalização do Centro Histórico da cidade, e a Avenida S, de 2023, que

liga o aeroporto ao Santuário de São Frei Galvão, totalizando 9.594.576,70 de reais gastos, de acordo com documentos disponibilizados pela Secretaria de Turismo e Viagens, de São Paulo.

Outra construção que representa o legado do santo é o Mosteiro da Luz, liderado por ele mesmo, sendo concluído em 1774. Depois de estudar Construção Civil em um Colégio Jesuíta na Bahia, Frei Galvão foi ordenado sacerdote franciscano, em 1762, no Convento de São Boaventura, em Itaboraí (RJ), por recomendação do pai, Antônio Galvão de França, que pertencia a Terceira Ordem Franciscana, e temia pelo clima hostil instalado pelo Marquês de Pombal (1699-1782), aos jesuítas, se tornado confessor, no ano de 1770, foi enviado para o recolhimento paulistano de Santa Teresa, onde conheceu a Irmã Maria Helena do Espírito Santo, que lhe revelou um pedido de Jesus, para a construção de um Convento baseado no Carisma da Ordem da Imaculada Conceição.

Além de enfrentar a oposição, que o mesmo marquês impunha a construções religiosas na época, o clamor popular, a persistência das “concepcionistas”, como são chamadas as irmãs que fazem parte dessa Congregação, afogar a ira do novo Governador de São Paulo, que almejava fechar as obras, o “Recolhimento Nossa Senhora da Luz” foi inaugurado, no que hoje, conhecemos como Mosteiro da Luz, declarado “Patrimônio Cultural da Humanidade”, pela UNESCO. Ele fundou, em 1811, o “Convento de Santa Clara”, em Sorocaba (SP).

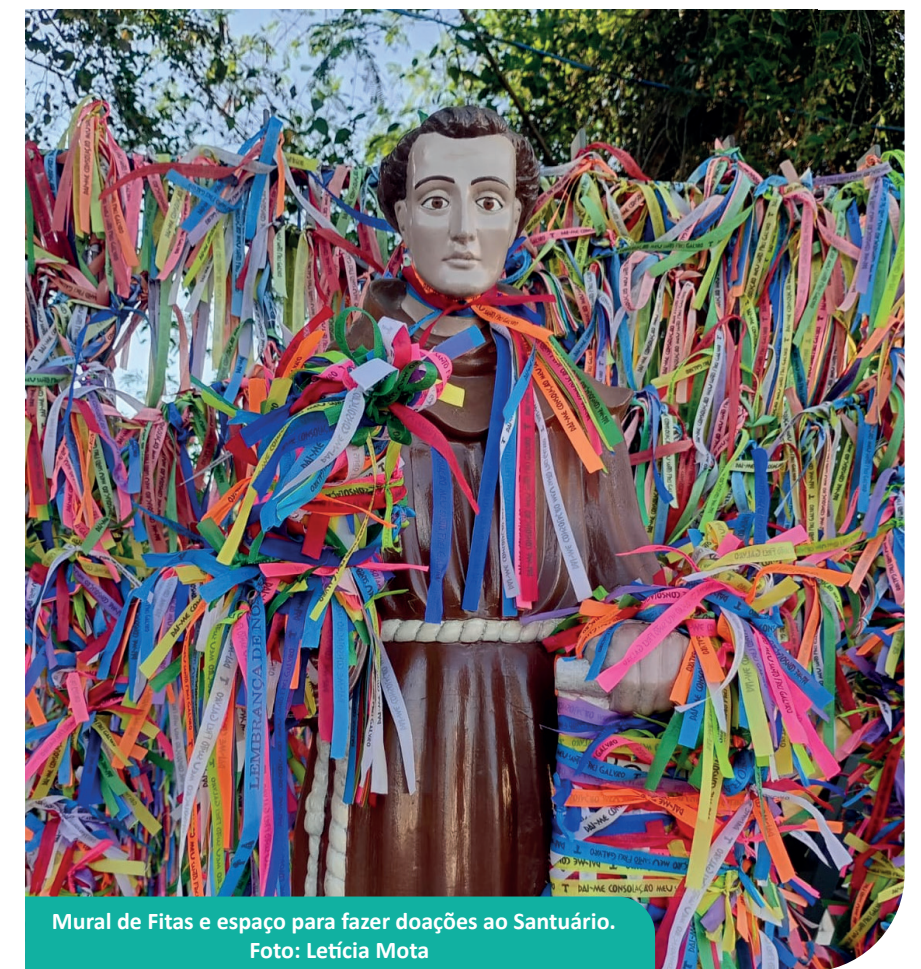
Neste mesmo Mosteiro, são fabricadas as Pílulas de São Frei Galvão. “As pílulas de Frei Galvão nascem como feito da sua criatividade pastoral. A pílula deve ser tomada dentro de um contexto de oração, e de fé. O mais importante é a fé. Não são medicinais, mas, elas carregam consigo todo esse simbolismo. É a certeza da intercessão de São Frei Galvão. São muitos os re-

latos de pessoas que alcançam graças, bençãos, curas, milagres, por intercessão de Frei Galvão, e das suas pílulas. A pessoa faz a novena e, durante nove dias, vai tomando as pílulas. São três, toma-se uma pílula no primeiro, uma no quinto, é a última, no último dia da novena”, Explica o Frei Diogo.

Narra a tradição que, certa vez, alguns doentes queriam que o Frei as visitasse, para orar por elas. Impossibilitado de ir, por causa das obrigações, ele foi inspirado a escrever, num pequeno pedaço de papel, em latim, a oração: “Post partum Virgo, inviolata permansisti: Dei Genitrix intercede pro nobis” — “Depois do parto, ó Virgem, permaneste intacta: Mãe de Deus, intercede por nós”. Ele a enviou a essas pessoas, dando a instrução de que eles ingerissem essas pílulas. Assim, eles alcançaram a Graça da Cura. Então, a

demanda por estes “sacramentais da fé”, cresceram exponencialmente, com o Frei delegando a tarefa de confeccionar as pílulas para as Irmãs Concepcionistas, no Mosteiro da Luz. Conforme explica o Reitor entrevistado — “Estas pílulas são distribuídas gratuitamente, aqui no Santuário, e são enviadas também pelos correios. Se alguém quiser, basta mandar um WhatsApp para nós, no nosso telefone: (12) 3125-1444, e nós enviaremos gratuitamente as pílulas”.

O seu relato de vida, o fato de ser o primeiro santo brasileiro, as construções que partiram, antes de Deus, mas depois, de suas mãos, e as suas “pílulas”, justificam o porque São Frei Galvão continua sendo um dos santos mais influentes do país com o maior número de católicos, no mundo.



Mural de Fitas e espaço para fazer doações ao Santuário. Foto: Letícia Mota

Caminho 33

Superando limites, aprendendo a vencer

Por Laura Lo Monaco

Missionário da Canção Nova, Cleto Coelho, evangeliza por meio de pedal reflexivo pela Serra da Bocaina, no Vale do Paraíba

As mãos no guidão da bike, a natureza ao redor e, no coração, o desejo de viver novas aventuras. Quando os primeiros raios de sol despontavam no horizonte, eu já estava com os pés no pedal, a quilômetros de casa. Em um sábado de outubro, decidi me desafiar e pedalar ao lado de um grupo de pessoas que eu não conhecia para viver uma experiência que vai ficar marcada para sempre em minha memória. O Caminho 33 é muito mais do que um passeio de bicicleta pelas lindas paisagens das áreas rurais do Vale do Paraíba, no interior de São Paulo. É um caminho de renovação espiritual e superação, uma vivência que enriquece o corpo e a alma.

COMO COMEÇOU

Cleto Coelho, missionário da Comunidade Canção Nova desde 1998, sempre foi criativo quando o assunto é evangelizar. E não foi diferente com a iniciativa do Caminho 33. Em 2020, durante o período de isolamento social da pandemia de coronavírus, o mundo “parou”. Como evangelizador católico, ele decidiu percorrer o Caminho da Fé de bicicleta para pedir à Nossa Senhora Aparecida pelo fim da pandemia. Durante os treinos na área rural da Serra da Bocaina, para poder percorrer os mais de 300 quilômetros de Águas da Prata (SP) até Aparecida (SP), surgiu a ideia do pedal reflexivo. Ele recorda a inquietação naquele período: “no meu coração eu escutava a voz de Deus dizendo: ‘por que não fazer deste lugar, um lugar de peregrinação, pra trazer o povo pra cá, pra rezar?’ As pessoas estão necessitadas disso”. Assim começou a nascer o projeto Caminho 33. A vida de Jesus

Cristo é a grande inspiração para esta iniciativa: sempre em movimento, Ele percorreu muitos caminhos durante sua vida pública e, aos 33 anos, atingiu o ápice de sua missão entregando a vida para salvar a humanidade.

FÉ SOBRE RODAS

Nestes cinco anos, o projeto tem se estruturado e conquistado mais ciclistas do Brasil todo. A rota oficial do Caminho 33 possui 115 quilômetros de extensão. Partindo do Santuário do Pai das Misericórdias, na sede da Comunidade Canção Nova, em Cachoeira Paulista (SP), o caminho conduz os peregrinos pelas estradas da área rural da Serra da Bocaina, passando por oito capela e sete pontos de alimentação, que compõe a rota gastronômica de Cachoeira Paulista. O percurso também pode ser feito à pé, à cavalo ou até de carro. Dentro do caminho oficial, existem 12 rotas alternativas pensadas para todos os públicos, dos iniciantes, que nunca pedalarão, passando pelos que já têm uma vivência no mundo da bike, até chegar aos profissionais. Durante o percurso, os ciclistas são desafiados com trechos mais íngremes ou pedregosos. Cleto explica que estes trechos fazem parte da vivência do passeio, pois se assemelham aos desafios da vida. Ao iniciar a subida de um monte, tudo parece difícil, o primeiro pensamento é desistir, mas conforme o ciclista vai subindo e se esforçando — mesmo que no começo empurre a bicicleta —, ele se supera e chega ao topo. “Quando você vai para o seu dia a dia, as montanhas existem, as preocupações, aquelas situações que você fala: ‘como é que eu vou sair dessa?’.

Mas como você vem treinando e fortalecendo o seu emocional por meio da bike, por meio desse estilo de vida, você começa a encarar as montanhas e os obstáculos da vida de maneira diferente e com a graça de Deus você consegue vencer”, ressalta o idealizador do projeto.

Maria Fernanda Soares, missionária da Obra Lumen em Cachoeira Paulista, participou do pedal reflexivo pela primeira vez, assim como eu. Na ocasião, Cleto acompanhou o grupo e propôs uma rota de 7 quilômetros. Segundo Maria Fernanda, a companhia e o incentivo dos outros ciclistas foi fundamental. “A cada desafio que a trilha trazia, eu via a minha vida”, recorda ela.



Bandeira oficial do Caminho 33 - Foto: Laura Lo Monaco

UM CAMINHO QUE TRANSFORMA

Um dos pilares do Caminho 33 é a transformação pessoal. Além de exercitar o corpo e a mente, o projeto convida os participantes a desacelerar e viver um momento de escuta e reflexão da Palavra de Deus. Esta etapa é chamada de “B de Bíblia”. No dia em que fiz o passeio, esta vivência foi realizada no Sítio Bom Pastor, uma das frentes de missão da Comunidade Padre Pio, cujo carisma é acolher o ser humano. O local abriga 45 pessoas em situação de rua que buscam um recomeço.

No bosque presente no sítio, em meio ao canto dos pássaros e o som do vento nas folhas das árvores, Cleto conduziu uma reflexão sobre o valor da paz e do perdão. Sentados em roda, assistidos da Comunidade Padre Pio e ciclistas partilhavam a Palavra de Deus em meio a sorrisos e abraços. Um dos assistidos, Carlos Cézar Moreira, disse que aprender a perdoar é uma das lições mais importantes de sua vida, algo que vem trabalhando dentro da Comunidade Padre Pio. Sobre a visita dos ciclistas, ele compartilhou: “ver vocês é como ver Jesus”. Da mesma forma, Maria Fernanda relata a vivência no Sítio Bom Pastor como o momento ápice do passeio: “após toda aquela caminhada, nós tivemos um encontro com o próprio Cristo encarnado naqueles irmãos que estão ressuscitando”.

No caminho de volta para casa, tudo o que vivemos ia voltando na memória como boas lembranças... Enquanto o vento batia no rosto e o sol iluminava o caminho, o desejo que ficou é de que valeu a pena ter acordado cedo para viver a experiência do Caminho 33. Cada momento vivido teve a sua beleza, assim como é em nossa vida.



Cleto Coelho ao centro (camiseta vermelha) e Maria Fernanda Soares na direita (camiseta preta) - Foto: Laura Lo Monaco



Carlos Cézar Moreira e Gilma Maria Amaral no Sítio Bom Pastor - Foto: Laura Lo Monaco

CACHOEIRA PAULISTA, SP

SANTUÁRIO DO PAI DAS MISERICÓRDIAS

RODOVIA PRES. DUTRA

CAMINHO 33

15,4 KM
IDA + VOLTA

SÍTIO BOM PASTOR

828W+R65, CACHOEIRA PAULISTA - SP,
12630-000

Trajeto retirado do Google Maps.



Foto: Arquivo Pessoal

A Fé que percorre as cidades do Vale do Paraíba

Por Leticia Santos

Entre montanhas e milagres, a região mostra sua devoção e grandeza em cada cidade

O que seria a fé, e o que ela pode fazer por nós? Na definição mais crua da palavra fé é a crença em alguém que não podemos ver e a sua capacidade de atender ao que precisamos, ela enxerga com o coração aquilo que não podemos ver com os olhos. Ao acreditar, o ser humano pode ser transformado. Aquilo que parecia impossível, vira uma realidade e a alma inquieta é confortada. Como forma de devoção, quem confia faz e paga promessas que põe o corpo a prova, dedica bens que simbolizam tudo o que tem e mais antigamente erguiam altares em nome do santo.

Entre a construção de diversas igrejas pelo país existe uma área que se destaca pela quantidade e beleza das obras que abrigam: O Vale do Paraíba.

Localizada no caminho Rio-São Paulo, a região é um dos principais destinos religiosos no Brasil, atraindo mais de

15 milhões de pessoas todos os anos à uma gama de basílicas, santuários e igrejas. Esses pontos turísticos são muito procurados para o exercício da fé, mas também são grande fonte de conhecimento à cultura do povo brasileiro, principalmente aos habitantes desta parterzinha que liga os maiores estados da região sudeste.

A Rota Turística da Fé conta com 10 cidades, sendo elas: Aparecida, Cachoeira Paulista, Guaratinguetá, Canas, Cunha, Lagoinha, Lorena, Piquete, Potim, Roseira e Tremembé. Entretanto, em Julho de 2025, a cidade de Cruzeiro também foi contemplada com um forte símbolo, a Igreja Matriz da cidade foi elevada a Basílica Menor de Imaculada Conceição, agregando no hall da Diocese de Lorena.

Após a pandemia o número de visitantes na região aumentou de maneira considerável. Em Aparecida, por exem-

plo, o Santuário recebeu 500 mil fiéis na semana da Padroeira neste ano de 2025, sendo 152.161 pessoas apenas no dia 12 de Outubro, um aumento de 9,4% ao ano anterior. Os romeiros que chegaram no dia exato da celebração se depararam com uma cidade movimentada, cheia de devotos movidos pela fé no coração.

Eveline Teodoro, universitária de 19 anos, fez a peregrinação pela primeira vez, motivada pela graça de uma promessa realizada, enfrentou cansaço e perigos noturnos até chegar a Casa da Mãe. Para ela, chegar lá trouxe tranquilidade ao coração, o sentimento de missão cumprida: “Essa caminhada teve um grande significado de fé e confiança, eu pude colocar toda minha esperança em cada passo dado”.

MAIORES REPRESENTAÇÕES

1- SANTUÁRIO DE APARECIDA

Santuário Nacional de Nossa Senhora de Aparecida, conhecido por abrigar a santa de mesmo nome, a também Basí-

lica é mundialmente conhecida por ser o maior santuário mariano do mundo. Erguida na arquitetura Neorromânica, o espaço tem uma ala de caráter quase obrigatório para quem passa por lá, a visitação à imagem original. Todos os anos Aparecida tem a chegada de peregrinos de variadas localidades do país, recebendo as promessas e agradecimentos de um povo que acredita de toda a alma.

2 - SANTUÁRIO DO PAI DAS MISERICÓRDIAS

Monumento fundamental da Canção Nova, lá ocorrem diversas celebrações durante a semana pelo ano todo. Com uma comunidade fiel e devota, o Santuário e seus projetos voltados aos cristãos católicos, é conhecido por ganhar o coração de quem está pronto para se entregar a está fé.

O mapa da Canção Nova conta com uma área aberta espaçosa, capaz de abrigar uma quantidade poderosa de devotos, com uma capacidade de 70 mil pessoas, apenas no Centro de Evangelização “Dom João Hipólito de Moraes”.

3 - SANTUÁRIO DE FREI GALVÃO

Dedicado ao primeiro santo brasileiro, o Santuário de Frei Galvão, localizado em Guaratinguetá, é um dos pontos mais populares da cidade. A obra, uma mistura do antigo com o moderno, com base na encíclica Laudato Si’, abriga todos os anos a tradicional festa de Frei Galvão, um dos maiores atrativos no calendário, garantindo um traço fortíssimo da cultura do guaratinguetaense. O que mais chama a atenção de quem passa pelas festividades são as pílulas do santo, famosas por serem sinônimos da fé e da cura.

4 - BASÍLICA MENOR DE SÃO BENEDITO

Em Lorena, encontra-se um dos mais preciosos patrimônios religiosos do país: A Basílica Menor de São Benedito, a única dedicada ao santo no hemisfé-



férico sul. A iniciativa de erguer o monumento surgiu da Irmandade de São Benedito no ano de 1852. O templo de arquitetura neogótico foi elevado de santuário à Basílica em 1917, durante o pontificado de Bento XV, sendo agregado à Basílica de São Pedro, em Roma.

5 - SANTUÁRIO DE SÃO MIGUEL ARCANJO

Projetado por Prometheu da Silveira, o santuário tem capacidade de até mil fiéis em seu interior e recebe diversos romeiros durante o ano, principalmente na época de Nossa Senhora de Aparecida.

São Miguel Arcanjo é o padroeiro da cidade, e sua festa, celebrada em 29 de setembro, movimentada toda a comunidade com procissões, celebrações e novenas que unem fé, cultura e tradição. O local é um dos maiores atrativos da região.

Paulo Duarte, membro da Rota de São Miguel e também coordenador da Pastoral do Turismo da Diocese de Lorena comenta sobre a experiência de estar ativo no Santuário: “Acolher os peregrinos, para mim, no Santuário de São Miguel é algo que me transforma diariamente. Nós pensamos que vamos transformar as pessoas apresentando o carisma de São Miguel e são elas que nos transformam”.

O QUE SE OBSERVA

“Viver numa região dessa é vivenciar diariamente o quanto a fé é transformadora e o quanto ela é bonita”, afirma Paulo

Cada cidade tem um pouquinho da história de fé do país, é uma herança de devoção que se renova a cada ano. E em meio aos fiéis permanece a essência do acreditar e se conectar com o lado mais esperançoso do coração.

Uma Jornada pelo Vale do Tempo

Por Karla André

Conheça os Palácios Rurais e os Casarões do Ciclo do Café

Eles são a memória viva de um império construído sobre os grãos de café. Testemunhas silenciosas de uma época de riquezas e tradições. Escondidos entre as montanhas do interior paulista, os casarões e fazendas históricas do Vale do Paraíba não são apenas relíquias arquitetônicas – são verdadeiros palácios rurais que contam a história do Brasil no século XIX, quando a região era o coração da riqueza nacional. Hoje, o desafio é fazer com que sua imponente beleza resista ao tempo, ao abandono e, principalmente, ao elevado custo da manutenção.

O ESPELHO DO PODER

No século XIX, a arquitetura era a principal vitrine do poder. Conforme explica o historiador Diego Amaro, os casarões eram uma forma de “apresentar status”. “A arquitetura das fazendas de café representava um grande poder econômico. Quanto maior o requinte, o uso de elementos, mais poder ela demonstrava”.

Essa grandiosidade era visível tanto nas fazendas quanto nas cidades. O tamanho e a quantidade de janelas de uma casa urbana mostravam a condição de seu dono. A Fazenda Resgate, que pertencia ao Comendador Aguiar Valim, é citada por Amaro como uma “obra de arte” arquitetônica e artística.

A Taipa, o Adobe e a Mistura de Estilos Apesar do requinte, as construções rurais do Vale do Paraíba assentavam-se em técnicas robustas e simples, como o adobe, a taipa de pilão e o pau-a-pique. O segredo para a sobrevivência dessas construções centenárias é o cui-

gado. “Se eu tenho um bom controle da questão da umidade, eu consigo garantir que esses materiais sobrevivam por muito tempo”, afirma Amaro.

O estilo arquitetônico predominante é o eclético, uma mistura de influências. A maioria das fazendas segue um padrão colonial ou o chamado estilo mineiro, que se consolidou na região com a chegada de novos proprietários de Minas Gerais, que vieram para iniciar um ciclo de pecuária após o declínio do café. Antes dele, o Vale já enriquecia com tabaco, cana-de-açúcar e gado. Mas o café foi o que mais “impactou, positiva e negativamente”. As fazendas não eram apenas propriedades rurais: “Uma fazenda de café durante o século XIX funcionava mais ou menos como um feudo medieval”, compara Diego. Elas eram autossustentáveis, produzindo móveis, sacaria, alimentos e contando com estruturas de apoio como capela, enfermaria, terreiro e senzalas.

A RUÍNA GERADA PELA FORTUNA

ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA

A LEI ÁUREA DE 1888, AO RETIRAR O ESCRAVIZADO QUE ERA VISTO COMO PROPRIEDADE, GEROU GRANDES PERDAS FINANCEIRAS AOS FAZENDEIROS, QUE NÃO RECEBERAM “INDENIZAÇÃO”.

PLANTIO EQUIVOCADO

OS BARÕES PLANTAVAM O CAFÉ EM LINHA RETA. O MOTIVO? VIGIAR O ESCRAVIZADO E GARANTIR QUE ELE NÃO PARASSE DE TRABALHAR. ISSO DESGASTOU O SOLO, ENFRAQUECENDO A PRODUÇÃO.

O COMPROMISSO QUE CUSTA CARO

Se os casarões pudessem falar, a mensagem seria: “Nada é para sempre. Tudo será resignificado”, afirma Diego. Mas a resignificação tem um preço alto e Tatiana Gomes confirma isso. Ela, junto de seus irmãos Renato e Gustavo, é proprietária da Fazenda dos Coqueiros (Bananal -SP), e sua família está na fazenda desde 1904. Ela revela o peso da missão: “a manutenção é diária. Temos que buscar manter de forma contínua a preservação, conhecendo técnicas antigas que atendem o modelo de construção, como paredes em taipa de pilão e pau a pique”, comenta. Ela ressalta que o custo mensal de manutenção de um casarão pode ultrapassar R\$10 mil e que os maiores pesadelos estruturais são a umidade, infiltrações no telhado e o ataque de cupins.

Questionada sobre o que é mais difícil, a proprietária é categórica: “Ser guardião é o mais difícil”. Exige um compromisso de missão de vida, responsabilidade histórica e uma busca constante por sustentabilidade financeira.

No modelo de negócios da Fazenda dos Coqueiros a sustentabilidade é garantida pela produção de leite em conjunto com o turismo cultural e histórico. A fazenda, que já foi cenário principal de novelas como Sinhá Moça e Cabocla, e a Minissérie Amores Roubados, utiliza a receita do turismo para bancar a subsistência.

A proprietária soltou também um “spoiler” informando que a fazenda mais uma vez foi o cenário de uma produção audiovisual e, em breve, será lançado um filme que, a princípio, durante a filmagem era chamado de “A Prisioneira”.

A VOZ DO TURISTA

Para o guia de turismo Junior Oliveira, o público que é composto por turistas, historiadores e estudantes se atrai pela importância histórica de Bananal-SP. O

ponto da história que mais emociona os visitantes, e gera a pergunta mais comum, é o cotidiano dos negros escravizados. “Eles perguntam por que os livros, novelas e filmes não mostram a verdadeira realidade”, relata Oliveira. A Fazenda dos Coqueiros é apontada pelo guia como a que oferece a experiência mais autêntica e inesquecível, por ser “bem fiel à história do período cafeeiro e da escravidão”.

Frente a esse contexto, o legado mais pesado que a propriedade carrega, é abordado hoje por meio de um conceito defendido tanto por Tatiana Gomes quanto por Diego Amaro. “Buscamos essa atualização, transformando a história do passado em um novo tempo tanto para o presente como para o futuro. Fazemos uma reflexão, por meio da educação nesse contexto”, explicou.

DESVENDANDO MITOS E SUPERANDO OBSTÁCULOS

Guias e historiadores trabalham juntos para desmistificar lendas que se popularizaram. Diego Amaro afirma que não existem provas de que as senzalas ficavam embaixo da Casa Grande. Essa área, na verdade, era um depósito. O mito surgiu porque as senzalas originais, construídas com material frágil, ruíram e desapareceram com o tempo. Junior Oliveira destaca a desmistificação da telha feita na coxa dos escravizados como um dos segredos locais mais fascinantes que ele conta aos turistas. No entanto, há grandes barreiras. O maior obstáculo para o turismo é a falta de políticas públicas que fomentam a atividade. Além disso, o guia lamenta que a comunidade local tenha pouco contato com esses casarões, demonstrando uma falta de consciência sobre a importância desse patrimônio.

Para o historiador, o turismo é “a melhor via” para a preservação. Se não houver apoio público, o esforço da manutenção recai apenas sobre o proprietário. Mas é esse esforço, essa busca



Fachada Fazenda Coqueiros em Bananal - Foto: Arquivo Pessoal

diária pela sustentabilidade, que mantém esses palácios em pé, garantindo que o Vale do Paraíba continue sendo um “novo lugar de memória” para as futuras gerações.

A HISTÓRIA QUE SUSTENTA O FUTURO DO VALE

A jornada pela conservação dos casarões do Vale do Paraíba é, acima de tudo, uma prova de compromisso. Os proprietários, hoje, assumem o difícil papel de “guardiões”, travando uma batalha diária e dispendiosa contra a umidade, cupins e infiltrações. No entanto, é justamente nesse desafio que reside a vitalidade dessas propriedades.

Longe de serem apenas relíquias empoeiradas, as fazendas se reinventaram como estruturas econômicas ativas.

Proprietários como Tatiana Gomes provam que é possível criar um modelo de negócios onde “o recurso financeiro mantém a estrutura física que ainda resta”. A história, portanto, financia a sua própria sobrevivência.

Entretanto, o legado mais profundo é o cultural. Conforme observa o historiador Diego Amaro, esses locais se transformaram em um “novo lugar de memória”, onde o passado é constantemente renovado. A importância desses palácios rurais transcende suas paredes; eles se tornaram o motor da cultura e da economia local, garantindo que a memória do Vale do Paraíba – em toda a sua complexidade, beleza e contradição – permaneça viva e acessível. Cabe agora ao poder público e à comunidade local reconhecer e apoiar esse esforço, para que a saga da preservação continue escrevendo novos e duradouros capítulos.

Indicações



Indicação de Filme

ATÉ O ÚLTIMO HOMEM

“Até O Último Homem”, dirigido por Mel Gibson, conta a história real de Desmond Doss, um soldado americano que serviu na Segunda Guerra Mundial. Profundamente religioso, Doss se recusa a portar armas ou tirar vidas, mesmo durante o combate. Apesar de ridicularizado e agredido por seus companheiros, ele insiste em servir como médico de combate. Enviado a sangrenta batalha de Okinawa, ele demonstra coragem extraordinária ao resgatar sozinho 75 soldados feridos sob fogo inimigo. Sua fé e determinação inspiram seus colegas e transformam sua imagem dentro do exército. Doss torna-se o primeiro objetor de consciência a receber a Medalha De Honra do Congresso. O filme mistura drama, ação e espiritualidade, mostrando o poder da fé e da compaixão em meio a guerra.

Por João Lucas Bueno Julio



Indicação de Livro

ROUBE COMO UM ARTISTA

O livro Roube como um Artista traz 10 dicas sobre criatividade de uma forma bem didática e interessante. Em meio à era digital, esta obra consegue despertar no leitor o seu lado artístico, com bom humor, ousadia e simplicidade. Nos leva a entender que, especialmente para quem trabalha com comunicação e com cultura, o mais importante é ser autêntico, e que a criatividade pode ser “ativada”. O termo “roubar” faz referência ao fato de que nada é 100% original, ou como se diz, “nada se cria, tudo se copia”, mas isso deve ser feito de forma ética, a partir de um olhar de admiração sobre algo que nos influencia. A partir dessa ideia, é criada a nossa própria versão, com ousadia e inovação. Uma leitura leve e agradável, que pode despertar o lado criativo que há em cada leitor.

Por Denise Claro



Indicação de Série

DOCTOR WHO

A recomendação que trago hoje é sobre a série Doctor Who, um prato cheio para quem gosta de ficção científica e muita aventura. Na série somos apresentados ao doutor, um viajante temporal que dentro da sua fiel escudeira nave, a Tardis, viaja com seus companheiros terráqueos através de aventuras ao longo de todo o espaço tempo. A série carrega tradições de anos presente na cultura pop, tendo seu início em 1963 no chamado “Doctor Who clássico” e os novos o “New Who” e o “New New Who”. É válido ressaltar que a série apresenta temas completamente incríveis como um lado bem filosófico sobre escolhas, arrependimentos e responsabilidade e sobre cada regeneração do doctor onde entendemos que mudar faz parte da vida. Doctor who é uma viagem e uma magia a parte, com toda sua exploração em diversos mundos e a mudança de protagonista que não deixa a série cair na mesmice. E você, já viajou no mundo fantástico de Doctor Who?

Por Guilherme Martins

Vale do Paraíba revive a Itália em Quiririm e Canas

Por Ketuny Laila Mendes

Se todos os caminhos levam a Roma, o Vale do Paraíba te leva até um pedacinho da Itália. Localizados em São Paulo, o município de Canas e o distrito de Quiririm, em Taubaté, através da riqueza histórica dos imigrantes italianos, oferecem grandes celebrações, que além de preservar a cultura local, ajudam a promover a economia da região. Em Quiririm, a tradicional Festa Italiana atrai multidões, enquanto em Canas, o evento fortalece a valorização das raízes.

QUIRIRIM: A CONTINUIDADE DE TRADIÇÃO CENTENÁRIA

A Festa Italiana de Quiririm, que se tornou o terceiro maior evento do estado de São Paulo em público, nasceu de “uma noite que seria um almoço comemorativo e um desfile”, como conta Deminho Canavezzi, 62 anos, professor e um dos idealizadores que participaram da construção dessa história. O ano era 1989, quando realizaram o evento celebrando o centenário da imigração italiana em São Paulo. O sucesso foi imediato: “A primeira festa foi uma quermesse que, ano após ano, cresce cada vez mais” relata Preta Valério, Presidente da Associação Cultural das Tradições Italianas de Quiririm e “responsável pela feitura da festa” já há 26 anos.

A festa rapidamente ultrapassou seu objetivo inicial de ser um evento único. Canavezzi recorda a primeira edição: “Foi um sucesso tão grande, que no sábado à tarde, eu recebi um senhor que era dono do posto de gasolina que nós tínhamos aqui em Quiririm, e ele ofereceu um caminhão da BR com um grupo de samba”, resultando no esgotamento de toda a comida da festa, fazendo com que os responsáveis improvisas-

sem, tendo que comprar macarrão industrializado para o domingo. Mas o legado já estava plantado.

O objetivo da celebração, segundo Preta Valério, é contribuir para que a tradição não se perca. “É pra isso que a festa existe, para manter as nossas raízes vivas e não deixar essa história cair no esquecimento de pessoas que sofreram tanto, nossos antepassados.”

DESFILE, FAMÍLIA, SABOR E TRADIÇÃO

Já na sua 36ª edição, um dos diferenciais é a cenografia cultural. “Para mim, o destaque da festa é, todo ano, o desfile da imigração italiana que acontece... os carros alegóricos e as pessoas fantasiadas de acordo com o tema. Ele é muito bonito”, afirma Valério. Canavezzi revela que a ideia do desfile veio de Delmo João Carlos Montesi, que se inspirou na Festa da Uva de Caxias do Sul.



Desfile da Imigração Italiana em Quiririm
Foto: Douglas Castilho Quiririm News)



Desfile da Imigração Italiana em Quiririm
Foto: Douglas Castilho Quiririm News)

A comunidade é o coração da festa. “As famílias desempenham o papel de amor à camisa, todo mundo vestido a caráter e isso com prazer, a feitura das comidas todas feitas no quintal de casa”, descreve Valério. A gastronomia é um ponto de honra, especialmente a preservação de pratos típicos como o marubim. Canavezzi frisa a importância: “O caldo da galinha caipira é um prato indispensável. Se não tiver o caldo de galinha caipira, não é marubim.”

O impacto da festa é gigantesco, transcendendo as cinco ruas de Quiririm. “A festa não impacta positivamente só Quiririm, a festa impacta a cidade de Taubaté como um todo. A geração de empregos, empregos temporários, a lotação dos hotéis em Taubaté, sem falar o lado cultural, o lado turístico... É o único evento que traz turista”, diz Valério, que estima a passagem de 400 mil pessoas em 6 dias.

Para as novas gerações, a esperança de continuidade reside nas tarantelas mirins. “São 5 grupos com aproximadamente 15 crianças cada. Nossa esperança é que saia alguém daí”, explica a presidente. Deminho Canavezzi resume a maior conquista: “Hoje em dia, depois da festa, veio o sentimento de orgulho por ser italiano”.

CANAS: CENOGRÁFICA E IMPACTO LOCAL

A poucos quilômetros de Quiririm, a Festa Italiana de Canas celebra as mesmas raízes com um foco na comunidade e na beleza. Rena Meneghetti, Secretário de Cultura, Turismo, Juventude, Esporte e Lazer de Canas, explica que o evento nasceu para “resgatar, valorizar e celebrar a cultura dos imigrantes italianos que se estabeleceram na região”, com forte influência nas “tradições familiares, religiosas, gastronômicas e agrícolas”.

O principal objetivo da festa, que em 2026 completa 20 edições, é preservar e divulgar a cultura italiana; fortalecer o senso de comunidade entre os moradores; promover o turismo e a economia local, oferecendo lazer, cultura e gastronomia típica para o público.



Grupo folclórico italiano Santa Lúcia Mirim - Foto: Quiririm News

O grande destaque da edição mais recente foi a estética, segundo o secretário: “O destaque deste ano foi deixar a estrutura falar por si, e remeter a uma bella giornata, flores, luzes e arquitetura. Foi a cenografia/decoração que encantou a todos com a leveza e delicadeza com o ambiente”.

A celebração impacta diretamente a economia local, com um público recorde de 3 vezes maior do que o número de habitantes, movimentando o artesanato local, além da culinária e empreendedores.

A MÚSICA QUE EMOCIONA

Presente em praticamente todas as festas italianas do país há mais de 30 anos, o cantor e músico Fred Rovella, nascido em São Paulo, conta que para ele, cantar na Festa de Canas e em eventos como o de Quiririm é manter viva a alma da cultura.

“Toda vez que eles me chamam para cantar lá, o meu coração se enche de alegria, porque eu adoro manter viva essa raiz, essa coisa, da cultura italiana”, afirma Rovella. Ele percebe a recepção do público como “positivíssima”, com famílias cantando juntas, absorvendo as canções que “marcaram a vida deles”. O artista enfatiza a importância da música como vetor cultural: “É através da música que vamos passando a cultura e preservando os costumes da época dos imigrantes que trouxeram toda essa cultura, essa bagagem de alimentação, de costumes, palavras, gestos”.



Festa Italiana de Canas - 2010 (Foto: Arquivo pessoal - Brasília Laurito)

Para ele, a essência das canções italianas está no sentimento e no humor. “A música italiana é feita de sentimento”, e ele busca as letras “alegres” e “espirituosas”. Ele diz que a emoção se renova a cada apresentação, com pedidos constantes de clássicos como “Al di là”, “Dio, come ti amo” e “Volare”. “A emoção está em cada vez que eu piso no palco, eu me encho de emoção porque eu vou cantar essas mesmas canções... Ai de mim, se eu subir no palco e não cantar um Volare, eu vou ter problema”.

Em Quiririm e Canas, a Festa Italiana é a prova de que a memória não apenas resiste, mas se renova, alimentada pelo amor das famílias, pelo sabor inconfundível do marubim e pela força da canção. É a celebração de um legado que, como o próprio Canavezzi afirma, transformou a comunidade e deu a todos o “orgulho de ser descendente de italiano.”

Festa de Reis A celebração que atravessa gerações

Por Emily Oliveira

O festejo popular que une fé, música e partilha nas comunidades rurais do Vale do Paraíba



Imagem dos Santos Reis - Foto: Arquivo pessoal

Sob os pés daqueles que percorrem uma jornada, há estradas que guardam histórias que remontam séculos. São as cores vivas das roupas de chitão, as vozes que se misturam às cantorias e aos instrumentos, as fitas presas à bandeira que traduzem a espontaneidade de uma manifestação cultural que celebra o nascimento de Jesus e a chegada dos Reis Magos.

No Vale do Paraíba, especialmente nas cidades históricas de Silveiras e São José do Barreiro, grupos de foliões mantêm viva uma tradição que passa por casas simples, quintais abertos e olhares curiosos de crianças, unindo o povo em uma só devoção, em que ges-

A ORIGEM DA FESTA

A folia de Reis é uma tradição popular que tem suas origens no catolicismo português, mas, no Brasil, se misturou a outras raízes culturais e ganhou novas formas, reformulando-se e assumindo diferentes expressões conforme as várias regiões do país. A V Conferência Episcopal Latino-Americana e do Caribe, realizada em 2007, em Aparecida (SP), definiu a religiosidade popular como “um precioso tesouro da Igreja Católica na América Latina”, expressando de forma profunda a fé do povo pobre e simples, sendo um verdadeiro encontro com Jesus, não uma prática secundária.

Mais do que um costume, a Folia é um legado vivo do que hoje se escreve aqui — histórias que, muito antes, eram contadas oralmente. As festas de Santos Reis, porém, não são muito vinculadas às paróquias. Padre Fabrício Beckmann, da Paróquia São Pedro em Lorena, explica esta realidade: “Esse tipo de manifestação religiosa tem caráter bastante laical. Isso se deve ao



Festa de Reis 2022, em Silveiras - Foto: Emily Oliveira

fato de que não havia padres em número suficiente no Brasil, assim, as pessoas se organizavam por meio de festas, novenas, rezas, quase sempre dirigidas por líderes católicos leigos, que transmitiam a fé aos filhos e netos a seu modo, com a linguagem simples que possuíam.”

Já o pesquisador Edmundo de Andrade ressalta o forte apelo religioso das famílias do Vale, que após a queda do café, se uniram em torno das tradições para manter viva a fé e a identidade cultural. Segundo ele, “foi na ausência do Estado e da Igreja que a população se uniu e criou um forte sentimento de pertencimento e resistência”, pontuou.

Por se tratar de uma tradição que permeia por séculos, os festejos dos Santos Reis unem gerações, criando-se o sentido de pertença e continuidade de algo que era realizado pelos antepassados. “Nessas festas podemos experimentar o som, o gosto, o cheiro, os ritmos, as cores e o sabor que tem as coisas de Deus. É de fato uma enorme riqueza espiritual, que, mais do que narrada, precisa ser experimentada, em todas as suas expressões. Como padre, ensinei muitas coisas às pessoas, mas também aprendi bastante com o povo. A devoção aos Santos Reis foi uma das coisas mais bonitas que aprendi”, concluiu Beckmann.

MAS, AFINAL, O QUE MOVE ESSA JORNADA?

Até que a grande festa aconteça, há uma longa preparação que mobiliza toda uma comunidade em torno dessa manifestação de fé e alegria. Os chamados foliões iniciam o giro — uma jornada que se repete a cada ano, a partir da casa do festeiro, semanas antes do Dia de Reis. De casa em casa, anunciam em cantos e violas a chegada dos Três Reis Magos ao Menino Jesus, recolhendo prendas, promessas e sorrisos.

Reinaldo Pereira, folião em São José do

Barreiro, participa desde os 13 anos e hoje atua como mestre da bandeira. Sua maior motivação, diz ele, é “não deixar essa tradição antiga acabar — vou manter ela viva enquanto eu puder”.



“O mascarado” no Reizado - Foto: Emily Oliveira

Segundo Reinaldo, um grupo de foliões é formado pelo alferes, mestre, contra-mestre e os ajudantes, que completam a formação com instrumentos como o pandeiro e o cavaquinho, embora a composição possa variar conforme a região. Outro personagem que marca o Reizado é o palhaço mascarado, que simboliza o anjo Gabriel em algumas folias. “Em sua segunda aparição o anjo veio em forma de palhaço para distrair o rei Herodes, a fim de que José e Maria pudessem fugir com o Menino Jesus”, explica Pereira.

A bandeira é o símbolo que guia todo o percurso, composta com a imagem dos reis magos. “Carregar sempre a bandeira é importante para abençoar as famílias, fazer a adoração, a bênção para aqueles que são devotos, é uma tradição da folia de reis”, disse Reinaldo. Em alguns lugares, eles dormem, pedem o pouso da bandeira e, no dia seguinte, seguem caminho após um canto de agradecimento.

A FÉ E DEVOÇÃO NA TRADIÇÃO

Em Silveiras também se fazem presentes histórias espirituosas em torno desse legado. O silveirense José Francisco, conhecido como ‘Zé Chico’, aprendeu

sobre a Folia de Reis ainda criança, com o avô, e hoje, passa o que aprendeu para seus filhos e netos. Ele comenta outro simbolismo marcante da festa: a coroa, que representa a continuidade da tradição, “a passagem da coroa serve para outra pessoa fazer a festa no próximo ano, enquanto a bandeira acompanha a folia durante o trajeto, a coroa fica guardada na casa do festeiro”, contou.

Mas é ao abrir as portas de casa que o festeiro se emociona. “É muito gratificante, porque somos muito devotos dos Santos Reis. O momento mais marcante foi quando minha esposa teve um câncer, fez a cirurgia, pedimos aos Santos Reis, e graças a Deus, ela recuperou rápido, então fizemos uma festa em 2022”, compartilhou.

A jornada dos foliões se encerra com o grande almoço da festa. Tudo o que é arrecadado nas visitas é servido de graça ao povo. “O almoço sempre acontecia na casa do meu pai, hoje, às vezes na minha casa também. São muitas bênçãos sempre que abrimos as nossas portas”, encerra Francisco. Esse é o gesto de partilha que a fé, a cultura e a solidariedade rodeiam as comunidades rurais do vale do paraíba, ano após ano, mantendo viva a essência da Folia de Reis.



Visita da bandeira na casa dos devotos - Foto: Arquivo pessoal

Histórias que cruzam o Vale e o mundo

Por Julia Silveira

Viajantes do Vale do Paraíba mostram diferentes formas de transformar a estrada em modo de vida



Fotos: Arquivo Pessoal

Entre conexões de internet e laços humanos, um novo tipo de viajante ocupa as estradas: quem transforma o mundo em escritório. O nomadismo digital, antes restrito a poucos aventureiros, hoje inspira brasileiros a fazer da liberdade um estilo de vida, entre eles, casais e famílias do Vale do Paraíba que encontraram na viagem um recomeço.

Segundo a PNAD Contínua: Turismo (IBGE e Ministério do Turismo), o Brasil registrou 20,6 milhões de viagens em 2024. Sol e praia seguem na liderança (44,6%), seguidos por cultura e gastronomia (24,4%). Mas uma nova categoria começa a ganhar espaço nessa lista: o nomadismo digital.

Embora o conceito ainda pareça distante de muitas realidades locais, histórias como a de Lígia Antoniazzi e Ulisses Dalesandro mostram que o nomadismo digital já encontrou morada também no Vale do Paraíba.

LÍGIA E ULISSES

Criadores do perfil @vamosfugirblog, naturais de Taubaté e Pindamonhangaba, mostram que viver na estrada é possível. Há 11 anos, o casal deixou as

carreiras corporativas e iniciou o que viria a se tornar o futuro de suas vidas. “Em 2014, a gente estava muito cansado da rotina e da falta de perspectiva”, relembra Lígia. Após um mochilão, ela — então jornalista — transformou as anotações da viagem em um blog. Assim nasceu o Vamos Fugir, que deixaria de ser um escape para se tornar o futuro do casal.

Com experiências no exterior, embarcaram em intercâmbio para a Austrália, planejado para oito meses que se tornaram cinco anos, entre trabalho e estudos. Em 2020, com uma parceria que permitiu o trabalho remoto, Lígia passou a cuidar das redes de uma agência australiana, e o casal iniciou a vida nômade.

De volta ao Brasil, e após a pandemia, retomaram as viagens: ela produzindo conteúdo e Ulisses, engenheiro de computação, reinventando-se como criador digital.

Hoje, já pais, não se consideram mais nômades, mas seguem viajando com a filha em quadros como “Vamos Fugir pro Vale”. O casal já conheceu mais de 15 países, entre eles Argentina, Chi-

le, Peru, Austrália, Tailândia, Filipinas, França e Portugal.

BETE E ALEXANDRE

Movidos pelo desejo de conhecer novos lugares, a jornalista Bete Ribeiro e o tecnólogo Alexandre Fontes iniciaram sua jornada de forma original, por meio de uma Kombi azul. Naturais de Cruzeiro, percorrem estradas e culturas no conforto automobilístico. “Para mim, a Kombi não carrega só pessoas, ela leva ideias e aventuras”, reflete Bete.

Apelidada de Kombina, a Kombi que leva o casal para diversos destinos foi apresentada em 2015 ao mundo na maior Feira de Artesanato da América Latina, a Mega Artesanal. Depois foi parar na TV Aparecida, como um “programa de muita audiência e credibilidade. O programa ficou no ar por 6 anos”, explica Bete.

Após o fim do contrato, o casal viveu 10 meses na Irlanda, deixando a Kombi em Cruzeiro. “Quando voltamos ao Brasil, começamos a viajar de novo por cidades próximas, como Bananal, Areias, Resende...”, relembra.

Em 2023, partiram rumo a Ushuaia, passando por diversos destinos. “Primeiro fomos a Jacareí pedir a bênção ao padre Antônio Maria. Depois seguimos sem pressa pelo litoral sul, Iguape, Ilha Comprida, Paraná, Morretes e o caminho do vinho em São José dos Pinhais...”, relata.

Na estrada, mantêm uma rotina simples e acolhedora. “Fazemos nossas refeições na Kombi, sempre vamos a supermercados e campings. Os parceiros são muito unidos”, finaliza.

ALEXADRINA E PAULO ROCHA

Em Caçapava, a historiadora Alexandrina Paixão e seu marido Paulo Rocha, seguem os mesmos preceitos de Bete e Alexandre. No entanto, ao invés de uma Kombi eles viajam pelo Brasil em um motorhome, e iniciaram a jornada de um sonho há muito guardado, após a aposentadoria.

“Na minha juventude, eu fui estudar turismo, já com esse intuito de conhecer o mundo, de viajar, de desbravar”, relata Alexandrina. Conhecidos por serem uma família de viajantes, a frequência de viagens aumentou depois da compra de um motorhome.

O casal visitou lugares como Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Bahia e Goiás, uma parcela do Mato Grosso do Sul. Contudo, eles não se limitam apenas a sua “casa sobre rodas”. Viagens internacionais também fazem parte do seu passaporte como: Portugal, França, Itália, Estados Unidos, México, Uruguai, Paraguai e Argentina.

O que mais impressiona Alexandrina é a mudança de sua percepção sobre a vida. “Você tem sempre alguma coisa, uma viagem planejada, um motivo pra alegria, sabe? Isso te dá mais vontade de viver, faz com que você tenha mais felicidade”, expressa.

“A viagem não te deixa feliz só quando você está viajando. Tem aquela quando você planeja, aquela quando você vive, e depois todas as vezes que você recorda da sua viagem”

- Alexandrina Paixão

DO SONHO À PROFISSÃO: QUANDO VIAJAR VIRA CAMINHO

Para o apresentador Rodrigo Ruas, viajar é mais que um estilo de vida — é profissão e propósito. À frente do programa “Ruas Mundo Afora”, ele transformou o desejo de explorar novos lugares em uma ponte entre culturas, histórias e pessoas.

A paixão começou cedo. “Saí de casa

com 17 anos para estudar nos Estados Unidos. Eu não falava inglês e foi o pior e o melhor ano da minha vida”, relembra. Longe da família, aprendeu a língua e, principalmente, a se comunicar, habilidade que marcaria sua carreira.

De volta ao Brasil, deu aulas de inglês, mas o desejo de novas experiências o levou ao Grand Canyon, onde começou como camareiro e acabou promovido a concierge. “Achei que ia ser demitido, mas me parabenizaram e disseram que queriam que eu desse dicas com excelência, e pra isso, eu precisava viver todas aquelas experiências”, conta.

Entre trilhas e voos de helicóptero, despertou um novo olhar sobre o mundo. Ao retornar ao Brasil, decidiu cursar Jornalismo, inspirado pela fotografia e por nomes como Sebastião Salgado. “Sempre gostei de mostrar o mundo. No meu TCC, quis unir isso à TV, ensinar as pessoas a viajarem melhor”, lembra. Dali nasceu a essência do que viria a ser o Ruas Mundo Afora.

Em março de 2026, Rodrigo completará 20 anos ininterruptos na televisão, com 93 países visitados e mais de 650 episódios gravados. “São 93 países. E mais de 650 episódios gravados no meu programa”, reflete.



Apresentador Rodrigo Ruas no Egito - Foto: Arquivo pessoal

MAS DE ONDE ELE COMEÇOU?

O início, porém, foi simples e corajoso. “Recém-formado, sem patrocinador nem salário, adesivei ‘reportagem’ na frente do meu carro e comecei a gravar”. Ele começou pelas belezas do Vale do Paraíba. “Gravei Caraguatatuba, Ubatuba, Ilhabela, São Sebastião, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraty, Cunha, Piquete... Gravei tudo que você podia imaginar”, recorda.

Hoje em dia ele tem o privilégio de ter vivido seus sonhos. O mesmo conta o quão grato é por “ter assistido uma aurora boreal, de ter caminhado pela Muralha da China, de ter conhecido a Antártida”, e muitos outros destinos, graças à sua persistência.

Seja numa Kombi, num motorhome ou com uma câmera na mão, esses viajantes mostram que o nomadismo vai além do deslocamento físico, é na verdade, sobre entrega e realização de sonhos. Cada um deles mostra que entre a busca por liberdade e o desejo de se conectar, transformam cada destino em uma forma de conhecer o mundo e a si mesmos.

“Viajar é trocar a roupa da alma”

- Mário Quintana



Lígia e Ulisses em Singapura - Arquivo pessoal



Arte&Fato